

O ENIGMA BLAVATSKY

de José Rubens Siqueira

ABERTURA

Diante da cortina fechada, uma longa mesa de conferências coberta por uma pesada toalha de tapeçaria com franjas.

Cinco cadeiras de espaldar alto atrás da mesa, de frente para o público.

No centro, no chão junto à mesa, um grande arranjo de flores naturais.

Platéia à meia luz para a entrada do público.

Não há música de espera.

O que se ouve é uma trilha sutil de ruído ambiente que, quase subliminar, contamina o ambiente com a sensação do século dezenove: o crepitar das rodas de uma carruagem e o bater dos cascos dos cavalos no calçamento, vozes que passam e se distanciam, um cachorro que late ao longe, o bufar de um jato de vapor de alguma caldeira de aquecimento, etc.

Depois de algum tempo de entrada do público, uma criada de libré entra no palco com uma bandeja, coloca sobre a mesa uma jarra de água, distribui copos à frente das cadeiras, sempre timidamente controlando a platéia com o olhar. Sai.

Depois de algum tempo, entra um jovem empertigado, distribui maços de folhas de papel sobre a mesa, olha a platéia, sorri para alguém, acena formalmente com a mão. Sai.

Depois de mais algum tempo, a criada uniformizada retorna, confere as flores, ajeita a toalha, a cortina.

Entram quatro homens, com o formalismo das roupas ocidentais de final do século dezenove: Olcott, Maitland e Sinnett. E um jovem indiano, altivo e sério, Mohini.

A criada, tímida, sai depressa

Entra uma mulher muito bonita e elegante, “com um vestido preto e amarelo que parece as zebras da criação do Rajá do Kashmir... rosas no cabelo que é como um pôr de sol flamejante, amarelo dourado... e tilintantes brincos de lua crescente.”

É Anna Kingsford, a “Divina Anna”.

Olcott ocupa o lugar central, Anna à sua direita.

Todos se sentam, menos Olcott.

Ele olha a platéia e levanta as mãos em um gesto sereno, pedindo que o público sente e se aquiete.

As luzes da platéia baixam de intensidade.

Olcott dirige-se aos espectadores com voz mansa e firme.

OLCOTT – Senhoras e senhores, boa noite. Na qualidade de presidente da Sociedade Teosófica, meu dever era dar solução à controvérsia surgida na Loja de Londres

nos últimos meses, envolvendo a então presidente Mrs. Anna Kingsford e seu grupo, defendendo, de um lado, a superioridade dos ensinamentos egípcio-cristãos, e Mr. Sinnett e os demais membros, fiéis ao conhecimento indiano dos Mahatmas. Realizei uma consulta por carta a todos os membros e é com alívio e prazer que vamos dar início a esta reunião que tem por finalidade confirmar a eleição da diretoria do ramo britânico da nossa associação: Mr. Gerard Brown Finch, presidente, Mr. Alfred Percy Sinnett, vice-presidente e secretário, e Miss Francesca Arundale, tesoureira. *(a cada nome, gravação de vozes de protesto na platéia, Olcott reage, abre as mãos num gesto pedindo silêncio)* Depois de discutir... *(vozerio na platéia)* Depois de discutir longamente com Mr. Charles Massey, amigo sincero da ex-presidente, Mrs. Anna Kingsford, e meu amigo também, propus a formação de um ramo independente que será chamado de Sociedade Teosófica Hermética *(crescem as vozes vindas da platéia)*... a ser chefiado por ela e que dará continuidade aos estudos sobre o Cristianismo esotérico...

ANNA – *(sorri, irônica)* Por favor... *(levanta-se, mais comoção na platéia, um ou outro aplauso. Ela fala para o público)* Gostaria de dizer que eu, Anna Kingsford, não tenho quaisquer poderes ocultos. *(risos na platéia)* Nem sou clarividente. Sou apenas uma ‘profetisa’ - alguém que vê e aprende intuitivamente, e não pela utilização de qualquer faculdade treinada. Tudo que recebo me vem por ‘iluminação’. E esse ‘dom’ nasceu comigo. *(aplausos)* Durante o meu breve período na presidência, fiz o máximo ao meu alcance para tornar nossa Loja de Londres realmente influente, para reconstruir a religião numa base científica, e a ciência numa base religiosa, independentes de qualquer autoridade absoluta exterior. É imprudente a nossa Sociedade se apresentar agora diante do mundo com a aparência de uma seita, tendo os Mahatmas, ou Adeptos, ou Mestres de Sabedoria, como chefes supremos a quem se atribui poderes sobre-humanos de grandeza.

SINNETT – Não, não, não. Ninguém “atribui” o poder dos Mahatmas. É inegável que são mestres de sabedoria.

ANNA - “Inegável” não! Um ensinamento pode até vir da fonte alegada, mas quem garante que, na transmissão, esse conhecimento não é alterado pelo receptor até ser totalmente deturpado?

MOHINI – Mrs. Kingsford não acredita, não tem o menor respeito pelos Irmãos.

OLCOTT – Senhores, por favor...

ANNA - (*para Mohini*) Não é verdade que eu não acredito. Só penso que é preciso verificar as informações. (*para Sinnett*) Por mais que eu estime o senhor, Mr. Sinnett, acho que é um erro aplicar no nosso país a mesma política que está sendo seguida pela Sociedade Teosófica na Índia. Lá, o conhecimento sobre os Adeptos é uma coisa comum e essa política pode servir, mas em Londres esta conduta faria a Sociedade ser considerada um sistema que, para a mentalidade protestante daqui, é muito parecido com o sistema católico de mentores e confessores, com a exigência de submissão ao superior, ao guru, ao Mahatma. Isso não é sensato num país onde o olho da crítica e da zombaria está sempre atento a qualquer novo movimento.

SINNETT – Ora...

OLCOTT – Senhores, tudo isso já foi discutido...

ANNA - Isso vai acabar com a nossa esperança de chamar a atenção dos líderes de pensamento e de ciência, cuja cooperação é inestimável para nós. Não queremos a Sociedade Teosófica comprometida só com o Orientalismo, com o bramanismo, com o budismo, mas sim com o estudo de todas as religiões esotericamente.

SINNETT – Com a sua proposição a Loja de Londres corre o risco de se transformar em uma geléia, um grupo amorfo, sem identidade.

MOHINI - Por isso é que, desde o começo, HPB foi contra a sua nomeação.

Do fundo da platéia, ouve-se uma voz grave feminina.

VOZ - É isso mesmo.

Todos olham na direção de onde veio a voz.

Pelo corredor, avança vigorosamente uma senhora muito corpulenta, vestida de preto.

Todos à mesa se levantam.

Precipitadamente, Mohini salta para a platéia e corre até a mulher.

No corredor da platéia, atira-se aos seus pés, deitado de cara no chão.

A mulher se detém um instante, toca nele com a bengala e segue para o palco.

Contrariado, Olcott abre os braços num grande gesto.

OLCOTT – Permitam que eu apresente à Loja de Londres como um todo - Madame Blavatsky.

Ruído de grande alvoroço na platéia.

Mohini ajuda Madame Helena Blavatsky a subir penosamente para o palco.

Uma mulher elegante vem correndo pelo corredor da platéia.

ELEGANTE - Madame! Madame!

No meio da escada, apoiada em Mohini, Madame Blavatsky gira o corpo pesado com dificuldade e olha.

A Mulher agarra sua mão e beija, devotamente. Em prantos, volta para o seu lugar.

Helena tem um gesto de impaciência e batalha vigorosamente para subir ao palco.

Olcott e Sinnett vêm ao proscênio recebê-la.

Ela usa o apoio deles para se equilibrar e empurra os dois.

Abre-se o espaço para Anna Kingsford avançar até ela.

Madame Blavatsky abre os braços.

Anna desaparece nas dobras de tafetá negro de seu abraço.

Madame Blavatsky mantém Anna sob seu braço.

BLAVATSKY - Não, não. Não diga nada. Eu estou simplesmente cumprindo a vontade de meu Chohan. A sua luta contra a vivisseção de animais e a sua dieta estritamente vegetariana, conquistaram completamente o nosso Mestre, sempre tão severo. Foi ele quem propôs e elegeu Anna Kingsford como a única Salvadora da Sociedade Teosófica Britânica. Bom, agora agradeça a ele. Porque eu sabia desde o começo que ia acabar nesta confusão. Eu não conhecia você e pensava o tempo todo: que fêmea esnobe insuportável, que quer ser o Apóstolo da Filosofia Esotérica Oriental e Ocidental na Europa. Por que, por que, a mística do século tem que usar tantas jóias? Como pode confabular com os deuses invisíveis quando parece a vitrina de uma joalheria inglesa em Délhi? Bom, você me foi mostrada no plano astral. Tão bonita, as bochechas rosadas, os lábios vermelhos, e um nariz que fica mais largo quando fala. Eu pensei assim: ela é fascinante... Mas continuei protestando até o fim, até que o meu Patrão Morya me chamou de chata, de fêmea de visão curta e me mandou calar a boca, uma expressão muito elegante que ele deve ter pegado do estoque de palavras ianques do Olcott ali (*aponta Olcott, que assiste rígido, reprovador*). O Mestre nunca me disse que eu estava errada, mas simplesmente que a Kingsford vestida de zebra tinha sido escolhida por Kut Humi e que Kut Humi sabia o que estava fazendo. Mesmo assim, escrevi para Sinnett (*volta-se para*

Sinnett): "Estamos fritos. Estamos fritos, sem esperança de salvação", não foi?
(*Sinnett não consegue esconder um sorriso*)

Acaricia o cabelo loiro de Anna, brinca com seu brinco, carinhosa, perigosa, dúbia.

Não deu certo o meu plano de tirar de cena você, a "Divina Anna", uma criatura egoísta, fútil, mediúnica, que gosta demais de adulação, de vestidos, de jóias cintilantes...

Solta Anna com um gesto brusco que quase a derruba, fala para a platéia, indicando Anna com um gesto largo.

Como posso encarar uma Sociedade onde alguns membros alimentam essa desconfiança ofensiva com os Mestres e expressam esses pensamentos por escrito? É por isso que eu não queria vir a Londres. Eu sabia que ia acabar arrebetando as barreiras do céu e do inferno, que ia explodir feito uma granada. Não consigo manter a calma. Secretei e acumulei bÍlis por mais de seis meses durante esta confusão cristianismo-budismo, Anna Kingsford-Sinnett, e calei a minha boca. Mas eu não nasci para a carreira diplomática. Eu entorno o caldo. Eu... (*ela corta a frase, como se tivesse sido interrompida e olha um ponto fixo no fundo da platéia, suspendendo tudo por um breve instante. Todos aguardam, imóveis. Ela retoma o discurso:*) Cinquenta anos eu... (*interrompe-se de novo, olha o mesmo ponto ao longe. Anna Kingsford olha também. A luz do palco diminui de intensidade. Retoma:*) A minha vida inteira dedicada à Sociedade Teosófica... (*cala-se, olha o ponto ao longe, ouvindo o que lhe falam do nada. A luz do palco diminui mais, Sinnett e Mohini, recuam imperceptivelmente até saírem de cena. Madame conversa com o invisível:*) Não, não... Certo. A minha vida inteira eu dediquei ao oculto. (*explode, subitamente enfurecida, sem gritar, porém*) Não posso desistir agora e entregar a Sociedade Teosófica nas mãos de... É o meu esforço de muitos anos, o objetivo da minha vida, fruto de...

Ela se cala e escuta.

A luz do palco baixa ainda mais.

Ao longo da fala seguinte de Madame Blavatsky, Anna Kingsford vai recuando imperceptivelmente até sair de cena, sem ser vista, no escuro.

Só Madame Helena Blavatsky fica, dentro de um foco.

Na penumbra, por mágica, a mesa desaparece debaixo da toalha que cai ao chão como um balão esvaziado e desaparece por baixo da cortina.

A flores do arranjo se desmancham, formando um tapete que se espalha por todo o palco até desaparecer.

O palco fica vazio.

Helena Blavatsky escuta o invisível que lhe fala de um ponto ao fundo da platéia.

Imperceptivelmente, muito lentamente, começa a soar música, por baixo da fala dela.

BLAVATSKY - O que? Eu sou difícil? Sou rude? Falo demais? Não controlo o que penso, o que sinto? Mestre? (*escuta, sempre olhando o infinito ao fundo da platéia, as lágrimas correndo pelo rosto, sem soluçar, porém*) O que mais querem de mim? Que eu não seja eu? Até hoje não passei de... uma agente submissa. Fiel mensageira. Desde criança vivendo entre dois mundos. Três vezes dei a volta ao mundo, vestida de homem, sozinha tantas vezes, de navio, de trem, carroça, a cavalo, a pé, dormindo ao relento, sem comer, sem beber... (*escuta*) Para entender... E agora... acho... que não entendi nada. Nada. Para que tudo isto? (*longo tempo em silêncio, dá quase para ouvir a música, mas ainda não se tem certeza se há música. Algo muda dentro de Helena Blavatsky, ela escuta de ainda mais longe*) Ie... Ka... Te... Iekaterinoslav... O Dnepr prateado, o mar... Negro...

Quase imperceptível, muito oscilante, como um filme muito antigo e escuro, a projeção de uma imagem pisca, quase invisível, sobre toda a sala de espetáculos, transbordando do palco sobre as paredes laterais, sobre o público das primeiras filas: um lento vôo sobre uma paisagem russa de pinheiros em torno de um rio prateado que desemboca no mar, raras casas brancas pontuando as árvores aqui e ali.

É o começo do delírio, do carrossel de imagens que narrarão o início da vida de Helena Blavatsky.

Sobre a imagem quase invisível da paisagem giram, flutuando, mulheres muito brancas de longos cabelos verdes, que logo se transformam em silhuetas verdes como rabiscos de fósforo, girando, girando, dançando no ar.

BLAVATSKY – Russalka... russalka... russalka... eu não tenho culpa... não, não... eu tinha só quatro anos... (*feroz como uma criança feroz ao imitar um monstro*) “eu chamo a russalka e ela vai fazer cócega e você vai dar risada até morrer, é, sim, vai dar

risada até morrer”, o menino ficou com medo, pobrezinho, caiu no rio, acharam o corpo dele...

Cinco ou seis servos vestidos com roupas russas características irrompem no palco cantando uma canção folclórica.

Trazem tochas acesas, dançam passos marcados e fortes.

Cercam Helena Blavatsky, carregam-na nos ombros dos dois homens mais altos, dão um breve giro com ela pelo palco.

Uma mulher segue à frente abraçando ao peito um grande maço de ervas, aspergindo água benta com a outra mão.

Outra mulher, pobremente vestida, agarra a mão de Helena Blavatsky:

SERVA (*sussurra em russo*) – Sedmitchka, sedmitchka, proteção, menina-sedmitchka, para meus filhos e meu marido. Não deixe nenhum domovoy roubar nossa comida, nenhum drasgo levar minha menina, ela tem a sua idade...

BLAVATSKY (*traduzindo ao mesmo tempo, as duas falando juntas*) ...proteção, menina-sedmitchka, para meus filhos e meu marido. Não deixe o domovoy roubar nossa comida, nem o drasgo levar minha menina, ela tem a sua idade...

Os homens a pousam no chão.

BLAVATSKY - (*ordena em russo*) Domovoy vai embora, drasgo não pega a filha dela...

Todos saem, a canção russa cessa.

A vasta projeção subitamente explode em som violento e imagem brilhante: a paisagem da estepe aberta vista de cima de um cavalo que galopa velozmente, ruído de cascos no chão de pedras, do resfolegar do animal, vozes masculinas gritando comandos.

BLAVATSKY – Pápá... Papai é que manda! Tambores, trombetas, carros, canhões, soldados (*em russo*) Seeentido! (*risos masculinos*) Coronha, coice, delgado, fuste, cano, gatilho, cilindro, percussor, manejo, guia do cão, noz do cão, cão, as peças de um fuzil são! Preparar! Apontaaar! Fogo! (*mais risos masculinos*)

O campo do galope na vasta projeção transforma-se em um redemoinho de folhas secas.

Sopra o vento, zunindo.

BLAVATSKY – Mamuchka, mamuchka...

A Mãe, num foco ao fundo, sentada a uma pequena escrivaninha, escrevendo, tossindo sem som.

MÃE - “A posição da mulher, colocada acima da turba pela própria Natureza, a posição da mulher é desesperadora. O monstro de cem cabeças da opinião pública está sempre pronto a dizer que ela é imoral, a jogar lama em seus mais nobres sentimentos... e a mulher acaba sendo considerada uma criminosa, rejeitada pela sociedade.”

BLAVATSKY – Escreva, Mamuchka, escreva os seus livros tão famosos. Mas não vá embora, não morra, Mamuchka, não morra. Eu não desmaio mais, não ando mais dormindo. Não fujo mais de casa. Juro!

Enquanto ela fala, o foco da Mãe vai morrendo muito lentamente.

A projeção avança sobre uma larga avenida arborizada de uma cidade antiga.

Uma Governanta mais velha atravessa o palco ao fundo, falando.

GOVERNANTA – Com esse gênio não vai encontrar nunca homem que queira casar com você! Nem aquele corvo velho do Blavatsky! (*sai*)

BLAVATSKY – Pois eu faço ele me pedir em casamento a hora que eu quiser. Hoje até!

Ouve-se música sacra muito ao longe.

A projeção avança agora pelo corredor de uma igreja antiga, iluminada, decorada com flores.

Nikifor Blavatsky entra, solene, com um buquê de flores, ajoelha-se diante dela, ela pega as flores.

Pelo outro lado, a Governanta entra trazendo um véu de noiva.

Coloca o véu na cabeça de Helena Blavatsky.

BLAVATSKY (*ri, cochicha, moleca*) – Viu?

A Governanta sai.

Ouve-se a voz de um Padre, gravada, remota, da memória:

PADRE - Ielena Petrovna von Hahn aceita Nikifor Vassilyevitch Blavatsky como seu legítimo esposo e na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, honrar e respeitar, e em tudo obedecer...

BLAVATSKY (*baixo, firme, mas sem provocação*) – Obedecer? Não. Obedecer, não!

Ela tira o véu e deixa cair ao chão, derruba mansamente o buquê.

Nikifor Blavatsky pega do chão o véu, olha intensamente para Helena.

Confusa, ela tapa a boca com uma mão, estende a outra mão para o rosto dele.

BLAVATSKY – Blavatsky, posso aceitar o seu nome, mas entenda, não posso obedecer...

Tenho outro Mestre e senhor. Terei.

Levando o véu e o buquê, Nikifor Blavatsky recua e sai.

Helena Blavatsky está sozinha.

Explode a música, emocional, pungente, aberta, misturando ritmos e sonoridades do mundo inteiro.

A projeção se expande ainda mais, voando rasante sobre diversas regiões e paisagens da Terra:

florestas tropicais, picos nevados, planícies, sobre cidades e desertos, sobre a terra e sobre o mar.

Madame Blavatsky inclina o corpo para a frente como se flutuasse ao vento, na proa de um navio.

BLAVATSKY (*entoa, quase canta*) - Iekaterinoslav, Odessa, São Petersburgo,

Romankov, Oskol, Astrakhan, Poltava,

Saratov, Malarossa, Gorov, Tiflis,

Baku, Gerger, Ierevan, Kamenka,

Poti, Kertch, Taganrog,

Constantinopla

a Síria, a Turquia

o Egito

a Grécia

Paris

Londres...

A projeção flutua em alta velocidade sobre Londres.

A música cessa num tombo.

A luz do palco se acende, Helena Blavatsky vira as costas para a platéia.

No centro do palco, caminhando num passo cadenciado e irreal, não em câmara lenta, não marchando, mas com o movimento entrecortado, staccato, passa uma comitiva de príncipes indianos luxuosamente vestidos.

Um deles, mais alto que os demais, o Mestre, vira a cabeça e olha para Madame Blavatsky.

Todo o corpo dela reage ao olhar dele, ela dá um passo na direção dele.

O indiano faz um gesto suave e se detém no centro do palco.

Madame Blavatsky gira, fica de frente para a platéia: está tomada de uma tremenda alegria, transportada para um espaço sagrado.

Os príncipes saem, o Mestre avança até ela, entra no foco.

Ela se curva profundamente diante dele, sem ar.

A luz vai ficando cada vez mais forte e branca, sempre num campo fechado sobre os dois, até eles reverberarem contra o escuro do fundo.

BLAVATSKY (*muito ofegante, entrecortando o texto*) – Protetor meu... Mestre!

Que me amparou aos oito anos: subi em cima do banco em cima da cadeira em cima da mesinha em cima da arca... pra ver o retrato lá em cima... caí.

Que me sustentou no ar aos catorze: em Saratov... o cavalo disparado... meu pé preso no estribo.

Que me tirou ilesa de debaixo do corpo do cavalo, saltando barreiras... Constantinopla...

O Mestre faz um gesto de silêncio e ela se cala.

MESTRE - Ouça o chamado. Escute a voz do silêncio.

Depois de quase cem anos procurando
um corpo europeu para o solo europeu,
para fazer a ligação Oriente Ocidente,
nossos chefes acham que só você pode servir.

Não. Não pense nisto como um elogio:

é forte o seu brilho na luz astral,

mas ainda falta calma; controle; clareza; organização.

Eu sei. Sabemos que pode aprender.

Por isso foi escolhida.

São fortes os defeitos pessoais, mas é grande a sua coragem.

E de sobrehumana coragem será a sua missão.

Na América encontramos o homem que será líder.

Não é ainda. Será.

Homem de grande força moral, altruísta.

Ele e você estão longe de ser o melhor, mas são o melhor possível.

BLAVATSKY – Mestre...

MESTRE (*faz um sinal de silêncio, como se lesse os pensamentos dela e não fosse preciso ela falar*) –Eu sei:

aos 15 anos, já tinha lido todos os livros de

alquimia, magia, de ciências ocultas da biblioteca de seu bisavô.

Eu sei. Acreditamos, sim, que seja capaz.

Mas é um duro destino, mais duro do que se imagina.

Sempre. Nunca sozinha. E sempre sozinha.

Nossos candidatos são tentados de mil maneiras,

para puxar para fora a sua real natureza.

Por vezes, vai sentir que não é mais que uma casca.

BLAVATSKY – Mestre...

MESTRE (*repete o gesto de silêncio*) - O martírio é agradável de se olhar, de criticar, mas é duro de sofrer.

Poucas mulheres foram mais injustiçadas do que você será.

Ouçã e lembre o que dirão de você:

“ela conquistou um título: a mais perfeita, engenhosa, interessante charlatã e impostora da história.”

BLAVATSKY – Eu estou pronta.

MESTRE - Eu sei. O seu destino está na Índia.

BLAVATSKY (*sussurra*) – Índia...

MESTRE – Mas não ainda. Não ainda.

Mais tarde, daqui a 28, 30 anos.

Faça antes o que quiser, mas vá para lá, veja a terra.

A Índia.

Que é o seu destino e cujo destino você transformará. Para sempre.

Súbito black out.

A música explode.

Madame Blavatsky desaparece na coxia.

A projeção, rápida, brilhante e colorida domina todo o espaço do teatro, palco, platéia, teto, voando sobre paisagens, montanhas, lagos, templos, ruínas... vertiginosa, cada vez mais depressa.

A voz gravada de Madame Blavatsky soa junto com a música, viva, emocionada, pulsante:

BLAVATSKY (*na gravação, entoa, quase cantando*) – Quebec,

Nauvoo, New Orleans, Texas

México, Honduras, Peru, Bolívia

o Caribe

o Cabo

Ceilão, Bombaim, Nepal, Pankabaree,

Darjeeling, Dinajpore,

New York, Chicago

o deserto, as Montanhas Rochosas,

Salt Lake City, San Francisco,

o Japão

Kashmir

o Tibet, o Tibet

A projeção voa sobre os picos brancos do Himalaia.

Aproxima-se de uma figura solitária no campo branco da neve.

Aproxima-se mais. Mais. Mais.

Até um close de Helena Blavatsky contra a reverberação branca, cegante, da neve eterna.

Súbito black out.

Silêncio.

PRIMEIRO ATO

No escuro, brilham, oscilantes, as chamas das velas de alguns candelabros.

A luz se abre sobre uma sala íntima de uma confortável casa de campo russa: diante de uma farta cortina adamascada, sobre um enorme tapete persa, um sofá grande de veludo domina o espaço, ladeado por duas mesinhas com dois lampiões a querosene; há uma cômoda grande e

pesada, com gavetas, duas arcas de madeira escura, de alturas diferentes, muitas cadeiras desapareiradas, meio empilhadas num canto.

Há um certo desalinho de arrumação provisória.

A trilha sonora sobe aos poucos: fora de cena, ouve-se música e vozes masculinas e femininas de muitos convidados levantando brindes, seguidos de risos e breves discursos, aplausos, etc. É uma festa em andamento.

Sobre os móveis, além dos candelabros acesos, bandejas arrumadas com taças de cristal, e outras bandejas de doces e arranjos de frutas.

Vera, irmã de Helena, coordena uma equipe de servos: uma Serva Moça, ágil, uma Serva Velha, lenta, e um Servo, elegante como um mordomo, que entram e saem, com o ligeiro frenetismo das ocasiões festivas.

Soa forte o sino da porta de entrada.

Vera tem um grande sobressalto, aperta o peito com a mão e agarra o braço da Serva Moça que está passando, fazendo tilintar as taças de cristal que leva na bandeja.

Todos olham para ela e se imobilizam um instante.

SERVA VELHA – Eu vou abrir (*vai para a porta arrastando os pés*).

SERVO – Com tanta neve, muita gente vai chegar atrasada.

VERA (*recuperando-se do susto*) – Não, não. Deixe que eu vou.

Vera sai precipitadamente.

Os servos se entreolham. O Servo sai com dois candelabros acesos.

SERVA MOÇA – Coitada. É duro ficar viúva tão moça com dois filhos pequenos. Sozinha no mundo.

SERVA VELHA – Que sozinha? Besteira! Dona Vera tem pai, irmão. Irmã...

SERVA MOÇA – Estou falando sozinha de marido. (*tempo*) Irmã eu não sabia que ela tinha, não.

SERVA VELHA – Pois tem. Mais velha. Criatura mandona, voluntariosa, em menina se atirava no chão, revirava os olhos, tinha ataque quando contrariavam.

SERVA MOÇA – Nunca ouvi falar.

SERVA VELHA – Pra mais de dez anos já que ninguém sabe dela. Casou, largou o marido, sumiu no mundo.

SERVA MOÇA – A senhora conheceu?

SERVA VELHA (*tempo, o olhar fixo, passa a mão lentamente na face*) – Com onze anos, raivosa porque não botei nela a roupa que queria, me bateu na cara. A avó dela, mais que princesa, dama, questionou, a menina confessou. Não chorou, porém, não chorou, não. A avó mandou tocar o sino, juntou os servos todos, que não era pouca gente, e diante de todo mundo pegou falou pra menina assim que o que ela fez não era ato de dama nobre, bater numa serva indefesa que nem eu, que por força de condição não podia se defender, que se não pedisse perdão mandava a própria neta embora de sua casa, não queria mais ela de neta, não. A pobrezinha ficou vermelha-vermelha, segurando as lágrimas de dar pena, onze anos só, eu até já tinha perdoado dentro do meu peito, quando por fim a menina se pôs a chorar, diante de todo mundo, se ajoelhou na minha frente, beijou minha mão, nem falar não podia, a pobre. Levantei no colo, perdoei, porque se via que no fundo era boa criatura, coração de ouro, tendo de lutar com aquela fúria que habita dentro dela, quem mais haveria de sofrer era ela mesma, ninguém mais, pela vida afora.

SERVA MOÇA – Chamava como?

SERVA VELHA – Chamava, não! Chama, que há de estar viva ainda sabe-se lá em que fim de mundo. Helena se chama. Helena Petrovna Blavatsky.

Madame Blavatsky entra, com uma pequena mala, o casaco pontilhado de neve.

Atrás dela, Vera, muito excitada, com outra bolsa menor.

A Serva Velha deixa escapar um grito.

Helena e Vera olham.

SERVA VELHA – Sedmichka! Lelinka!

A Serva Velha corre até ela e se lança a seus pés.

Madame Blavatsky a pega pelos ombros, faz com que se levante, olha atenta seu rosto.

Sua expressão abre-se em enorme surpresa.

Acaricia a face da Serva que estapeou.

O ruído da festa fora de cena se alterou: interromperam-se as vozes dos convivas, a música soa mais nítida.

Helena Blavatsky vai abraçar a Serva, quando Leonid entra correndo e estaca a certa distância.

LEONID (*hesitante*) – Helena...?

Helena Blavatsky olha para Vera, que faz que sim com a cabeça.

Olha para Leonid, abre os braços.

BLAVATSKY - Leonid! Meu irmãozinho... Você tinha sete anos quando eu fui embora! É um homem!

Abraçam-se.

Entra Pedro Hahn, o Pai.

BLAVATSKY – Pápá!

PAI - Lyolya!

Abraçam-se, ele chora copiosamente, mas sem perder o perfeito controle do soldado.

PAI - Pensei que nunca mais ia te ver, filha.

VERA - Como você descobriu que a gente estava aqui em Pskof?

BLAVATSKY (*gira a mão no ar*) – Me contaram.

VERA - Agora venha, venha! Quero que todo mundo veja você. Vamos para a festa.

Vera, sorridente, pega um candelabro aceso e lidera o caminho. Sai.

A Serva Moça se adianta, vai atrás de Helena, tentando ajudá-la a despir o casaco.

SERVA MOÇA – Ma'moiselle... Ma'moiselle...

Leonid, sorridente, põe a mão no ombro do Pai que se empertiga.

LEONID – Vamos, pai.

Saem todos, a Serva Velha por último, equilibrando uma bandeja de taças em uma mão, o último candelabro aceso na outra, resmungando contra a Serva Moça que continua infernizando Helena, fora de cena.

Suave escurecimento.

Os ruídos de festa crescem, saudando Helena Blavatsky, e silenciam.

Tempo.

Um isqueiro de pederneira solta faíscas no escuro, Madame Blavatsky acende um cigarro.

A luz se acende suavemente: a mesma sala, o sofá arrumado como cama, com um excesso de almofadas e cobertas, babados e fitas.

É noite fechada, muito tarde, dois lampiões de vidro com cúpula iluminam o ambiente.

Helena Blavatsky está de camisola, cabelos soltos, enrolada no sofá, embrulhada numa manta grossa, fumando.

Vera entra descalça, também de camisola comprida, os longos cabelos quase tocando o chão.

Vem rindo, moleca, trazendo duas canecas de bebida fumegante, cuidando para não fazer barulho.

Enfia-se debaixo das cobertas, junto com Helena.

As duas riem.

VERA - Continue. Fale, fale.

Bebem.

VERA - Do que que a gente estava falando mesmo?

BLAVATSKY – De mamãe.

VERA – É. Você acha que mamãe foi infeliz com papai?

BLAVATSKY – Acho.

VERA - Por isso é que ela escrevia aqueles romances? Eu tenho todos, sabe? Você já leu? *(fecha os olhos, fala de cor)* “A posição da mulher, colocada acima da turba pela própria Natureza, a posição da mulher é desesperadora.

BLAVATSKY E VERA *(juntas, Helena com mais dificuldade para lembrar)* - O monstro de cem cabeças da opinião pública está sempre pronto a dizer que ela é imoral, a jogar lama em seus mais nobres sentimentos... e a mulher acaba sendo considerada uma criminosa, rejeitada pela sociedade.” *(riem, meninas, molecas)*

VERA - Sempre doente... Tossindo... Escrevendo atrás do biombo de pano verde. Lembra? Era só uma cortina, mas nenhuma de nós duas tinha coragem de invadir aquele espacinho dela. Dias e dias escrevendo, escrevendo... Tive tanto ciúme em São Petersburgo: mamãe no meio daqueles homens elegantes, falando coisas que a gente não entendia. Lembra quando encontrou Pushkin? *(imita a mãe)* “Pensei que fosse moreno, mas o cabelo dele não é mais escuro que o meu, comprido até aqui, despenteado. É baixo, com suíças, não é bonito, mas tem os olhos cintilantes: dois carvões em brasa” *(riem juntas)*. E quando papai trouxe fósforos, lembra? Que

susto quando mamãe riscou aquele palito que a gente nunca tinha visto e apareceu aquele fogo azul no escuro (*riem, Helena acende o isqueiro e desenha um círculo no ar*). Ah, mas eu estou falando demais. Conte de você. Dez anos, Lyolya, dez anos! (*bate palmas, tapa a boca, ri, entre lágrimas, abraça Helena*) Casei, fiquei viúva, tive dois filhos e você... Quanta coisa você deve ter visto!...

BLAVATSKY – Vi.

Ouvem-se delicadas campainhas tilitando pelo teatro inteiro, numa breve e incorpórea sinfonia.

Vera gira em torno de si mesma, olhando, intrigadíssima.

A música cessa.

VERA – O que foi isso?

BLAVATSKY – O que?

VERA - Você não ouviu?

BLAVATSKY – Ouvi.

VERA - Foi impressão minha? (*dá de ombros, agarra a irmã, carinhosa*) Helena, Helena! Por que você foi embora? (*tapa a boca de Helena*) Não, não. A pergunta é outra. Por que você casou com Blavatsky?

BLAVATSKY - Você sabe porque, Vera.

VERA - Porque ele escutava quando você ficava falando das suas coisas do além?

BLAVATSKY – Ele ouvia, mas não era o melhor ouvinte.

VERA (*breve tempo, ela aspira o ar com ruído*) – Galitzin!

BLAVATSKY - Galitzin. Ele, sim, tinha lido tudo o que eu li na biblioteca do vovô, e mais.

VERA - Ele era maçom, não era?

BLAVATSKY – Maçom, mago, adivinho, estudante do oculto, diziam tudo!

VERA - Disseram que... Não, não.

BLAVATSKY – Diga.

VERA – Disseram que quando você fugiu de casa, foi com ele. Foi?

BLAVATSKY - É verdade.

VERA - Quer dizer que vocês dois... (*bate as mãos no rosto vermelho de vergonha, riem*)

BLAVATSKY - O que você acha?

VERA - Mas você não teve coragem de...!?! Lyolya, você tinha só dezesseis anos! Então era verdade o escândalo?! Por isso você casou com Blavatsky!

BLAVATSKY – Casei, mas nunca fui mulher dele.

VERA - Eu não sabia de nada. Rezei tanto quando você foi embora. Não ia ser feliz com ele...

BLAVATSKY – Nem com ele, nem com outro, Vera. Não sirvo para o casamento, preciso da minha liberdade, para viajar pelo mundo, aprender, entender essas forças que eu sinto aqui (*toca a cabeça*), aqui (*toca o coração*) aqui (*faz um gesto como um sopro que sai da boca*).

Uma pesadíssima cômoda de gavetas começa a deslizar suavemente pelo quarto.

Vera não percebe, Helena continua a conversa com a irmã e observa o deslocamento do móvel com o rabo dos olhos.

VERA – Ai! Conte, conte, conte, conte!

BLAVATSKY (*pensa um instante, envolta na fumaça do cigarro*) – Acho que você não vai acreditar. Se eu pensar um pouco, nem eu acredito. Vera, esta sua irmã aqui na sua frente, aos vinte e oito anos já deu a volta ao mundo duas vezes.

VERA - Nossa!

O móvel desliza e faz barulho.

Vera se volta para olhar, o móvel para.

VERA - Por que essa cômoda...?

Vera levanta-se, vai até o móvel, o móvel se desloca velozmente até o lado oposto do palco.

Vera dá um grito, assustada, começa a tremer.

Madame Blavatsky vai até ela, abraça a irmã.

BLAVATSKY – Não, Vera. Venha, sente aqui.

Voltam para a cama no sofá.

VERA - Foi... Foi você que...

BLAVATSKY - Foi.

VERA - Não faça isso! Eu tenho medo dessas coisas. Não faça mais!

BLAVATSKY - Vou tentar, mas eu ainda não consigo controlar o tempo todo.

VERA - A música também?

BLAVATSKY - Também.

VERA (*olha intensamente a irmã um tempo*) - Lyolya... por que você quer isso para você?

BLAVATSKY – Não quero. Eu não tenho querer. É assim que eu sou, esses fenômenos fazem parte de mim. Desde criança. Sempre em dois mundos, visível e invisível, revelado e oculto. Você lembra em criança...

VERA (*controlando o medo, fazendo voz infantil de terror*) – Russalka... Domovoy... (*breves meios-risos*)

BLAVATSKY – Meus amigos invisíveis...

VERA – O menino corcunda!...

BLAVATSKY – Meu Protetor...

VERA - O indiano!

BLAVATSKY – Ele existe, Vera. Em carne e osso! Encontrei com ele em Londres. É ele que me guia agora. Por isso tenho de viajar tanto. Tanta coisa... Tanto conhecimento... Outras sabedorias!

A luz de um lampião baixa de intensidade.

Vera estende o braço, levanta a chama.

Imediatamente, a luz do outro abaixa.

Vera se volta, estende o braço para levantar a chama, mas antes que toque o lampião a luz volta a subir nesse e baixar no outro.

Ela sente que é algo fora do normal, encolhe as mãos no peito.

Soam campânulas no ar, melodiosas, espalhadas por todo o teatro.

Ela e Helena ficam olhando enquanto as luzes dos lampiões acendem e apagam num estranho balé, fazendo dançar as sombras das duas pela sala.

Os efeitos cessam, Vera se aninha no abraço de Helena.

VERA - Isso foi bonito. Não deu medo. Você que fez isso?

BLAVATSKY – Mais ou menos.

VERA - Como mais ou menos? Foi ou não foi?

BLAVATSKY – Sou eu, mas não a minha vontade. Minha energia provoca os fenômenos, mas minha vontade ainda não controla sempre. Só às vezes. Estou aprendendo.

VERA - Você não tem medo, Helena? Nunca?

BLAVATSKY (*breve riso interno*) – Tive. Muito. Até entender que morta ou viva eu faço parte do Absoluto, que cada um é Um. E é todos. Uma vez, em Londres, estava tão confusa, tão cansada de tudo, dividida entre esta força maior e as exigências do

mundo, que tive um desejo forte de morrer. Fazia tempo que eu sentia essa tentação chegando. Parei na ponte de Waterloo. A água barrenta do Tâmis me pareceu uma cama deliciosa.

VERA (*faz o sinal da cruz ortodoxo e diz, em russo, algo como:*) - Deus nos livre e guarde!

BLAVATSKY (*breve riso grave, com gosto*) – Mas não me matei, não.

VERA - Foi aí que você encontrou seu Mestre?

BLAVATSKY – Foi. Primeiro, numa visão, depois em pessoa. Em Hyde Park. Eu sabia quem ele era, ele sabia quem eu era. E ele me deu um rumo, uma missão mesmo, de aprendizado. Saí pelo mundo.

VERA - Sozinha.

BLAVATSKY – Sozinha? Não. Acho que nunca estou sozinha, Vera. (*aponta a cômoda e o lampião, gira o dedo no ar, riem*) Vi tanta coisa. Misérias e maravilhas. No Egito, na América Central, no Peru, aquelas ruínas belíssimas, nos templos da Índia, do Tibet, um outro jeito de viver a vida, sem repressão, sem violência, sem hipocrisia, um jeito mais feminino e doce, mais perto da verdade da natureza.

Repentinamente, ouvem-se batidas de um lado e de outro do teatro, e a manta que cobre as duas flutua no ar, como um tapete mágico.

Apavorada, Vera se agarra a Madame Blavatsky.

VERA - Lyolya!

A luz dos lampiões pisca loucamente, as canecas flutuam no ar, as pontas do tapete se empinam, uma cadeira atravessa velozmente a cena e tomba.

Vera esconde a cara no peito de Madame Blavatsky.

VERA (*muito assustada, como uma menina*) – Faça parar, faça! Lyolya! (*em russo*) Valha-nos Deus!

Madame Blavatsky ri, rouca.

As duas descem abraçadas do sofá e saem.

A pesada cômoda volta a deslizar, todos os objetos da sala se animam e dançam pelo espaço, numa confusão de batidas pelas paredes e campânulas dissonantes soando loucamente.

De repente, os objetos saem todos, um para cada lado, e o palco fica vazio.

Súbito silêncio.

Black out.

Um foco aéreo se acende. Por ele desce um grande lustre de cristal.

Um momento de imobilidade e silêncio.

De repente, o lustre começa a tremer e tilintar.

A luz se acende, lenta: diante de uma alta cortina de veludo vermelho escuro, uma saleta elegante, três poltronas, uma pequena mesa de jogo de cartas, outra mesinha ainda menor que é um tabuleiro de xadrês, com as peças pretas e vermelhas, uma grande pele de animal como tapete no chão.

Pedro Hahn, o pai, absorto, está colocando as cartas para uma paciência na mesa.

Vera e a Tia estão sentadas, com os bordados suspensos na mão, olhando o lustre que treme.

TIA (*baixo, quase sussurrando*) - É ela. Coisa do diabo!

PAI - Que bobagem!

O lustre para de tremer, o Pai dá uma breve olhada.

Vera e a Tia olham ainda um instante, e voltam ao bordado.

TIA - Essa menina sempre deu trabalho. Em criança ou estava com o nariz metido num livro, ou metida com gente que não era sua igual, moleques da rua, servos, curandeiros. Teve de ser exorcizada, três, quatro, quantas vezes, Pedro, lembra?

PAI - Não.

TIA (*para Vera*) – Seu pai não lembra porque era tempo de guerra, estava sempre servindo fora. Você não lembra porque era pequena. Que falta fez a mãe de vocês! Mas você também tem culpa, Pedro. Levar a órfã para o meio da soldadesca daquele jeito! Montando a cavalo feito homem, aprendendo a falar feito eles. Que boca! (*O Pai ri*) Nem com o casamento amansou. Eu tinha esperança que Nikifor Blavatsky fosse domar o gênio dela. Nada! Mas ainda está em tempo. Ele escreveu...

VERA - Tia! Você não fez isso!? Escreveu para ele contando que Helena está aqui?

TIA (*olha para ela um momento um pouco longo demais e continua de onde havia parado*) -

Na carta, Nikifor diz assim: “o tempo tudo abrandando, até cada lembrança”.

Bonito.

O Pai interrompe a paciência e olha para ela.

TIA - Não me olhem assim, vocês dois. Eu só quero o bem dela. Desde que chegou aqui, acabou-se o sossego desta casa: é estalo e batida para todo lado, sino que toca fora de hora ninguém sabe onde, mobília que anda feito ser vivente. Isso é contra natura.

VERA - Não é culpa dela, tia.

TIA - Não? De quem é então?

Um livro cai do teto com grande ruído.

Todos se assustam, a Tia solta um grito, faz o sinal da cruz.

TIA (*em russo*) - Jesus, Maria, José! (*em português*) Como é que alguém pode viver assim?

Helena Blavatsky entra junto com Leonid e um Amigo dele, os três fumando, conversando animados e encaminham-se para a saleta, onde estão os outros.

No caminho, Madame pega o livro do chão e lê o título para si mesma.

BLAVATSKY – Achei que ia aprender muita coisa com os peles-vermelhas do Canadá, mal cheguei em Quebec, eles me roubaram.

LEONID – Tudo?

BLAVATSKY – Tudo!

LEONID (*ri, juvenil, admirado*) – E você vestida de homem.

BLAVATSKY - Claro. Como é que eu ia poder viajar sozinha?

LEONID - Assim? Como ele e eu? Calça, colete, paletó?

BLAVATSKY – Quando atravessei as Montanhas Rochosas numa caravana de carroças, foi na segunda vez na América, fui como a minha graça feminina de sempre (*breves risos*), tinha outras mulheres de pioneiros também. Só o sapato era de homem, uma botina (*mais risos*). É. Para aguentar o chão do deserto. Cada terra com seu uso: no Egito, eu parecia um muçulmano. Na Índia, para entrar no Tibet, um xamã siberiano arrumou para mim uma calça de brocado, turbante, capa, um sabre do lado.

LEONID (*para o amigo, malicioso*) – Já pensou? Sua noiva de calça, igual você?

AMIGO (*ligeiramente gago por natureza, piora por timidez*) – Eu nanão ia pepepermitir.

Helena estaca e vira-se para os rapazes vivamente.

Os dois se sobressaltam.

BLAVATSKY – Permitir??!... Não conheço sua noiva, mas tenho pena dela. Leia este livro.

(estende para o rapaz o livro que pegou do chão)

AMIGO *(lendo o título)* – Mimitos do Antitigo Egito.

Ouvem-se vagas batidas no ar que passam de um lado para outro do teatro.

Todos acompanham o ruído com o olhar, brevemente.

BLAVATSKY – No Cairo, Paulos Metamon, meu primeiro mestre, me iniciou no culto antigo de Ísis. Já ouviu falar?

AMIGO - Nanão.

BLAVATSKY – Pois leia aí. *(encaminha-se para a poltrona entre Vera e a Tia)*

LEONID – Conte.

BLAVATSKY – Ísis é a deusa-mãe, o feminino universal, a geratriz, que vence a morte, entende?

AMIGO - Nanão muito bebem.

VERA *(prevendo tempestade)* – Lolya, a tia Caterina talvez...

BLAVATSKY *(ignora a interrupção)* – Ísis era irmã e esposa de Osíris...

TIA *(faz o sinal da cruz e diz em russo:)* – Creio em Deus padre!

BLAVATSKY – Osíris foi morto e esquartejado pelo irmão, Set, que queria dominar o Egito.

Ele cortou o corpo de Osíris em catorze pedaços e jogou no rio Nilo. Ísis descobriu.

Por amor, ela percorreu o Egito inteiro, encontrou os pedaços, refez o corpo do marido e trouxe Osíris de volta à vida. Só não encontrou o pênis...

A Tia dá um pequeno grito, faz o sinal da cruz repetidas vezes, resmungando jaculatórias em russo.

BLAVATSKY *(cobrindo um riso maroto)* - ... que foi comido por um caranguejo.

VERA *(quase rindo também)* – Lolya!...

BLAVATSKY – Usando todas as suas capacidades, Ísis consegue formar um novo falo...

A Tia dá outro gritinho abafado, atrapalha-se com o bordado, faz o sinal da cruz.

Todos reprimem o riso.

BLAVATSKY - ...um falo potente, fecundador, e assim ela restaura o poder de Osíris, na terra e no céu. A partir daí, Ísis passou a dominar com seu poder os deuses e os homens. É uma poderosa religião feminina.

PAI - Lolya...

LEONID - Nós somos homens do século dezenove, Ielena, homens racionais, cheios da sabedoria latina e alemã da universidade, não temos tempo para essas crendices antigas.

BLAVATSKY – Não é crendice, nem é antiga. É eterna. Existe uma outra ciência no mundo, uma ciência sagrada com uma outra maneira de entender e controlar as leis da natureza, diferente da ciência ocidental, européia.

LEONID – Só acredito no que pode ser comprovado objetivamente.

BLAVATSKY – Ver para crer?

LEONID – É.

BLAVATSKY – O que tem de moderno nisso? Eu fui lá ver, Leonid. E vi.

AMIGO - Popode dar um exexemplo?

BLAVATSKY – No Tibet. Vi um ritual de reencarnação impressionante. Achavam que um bebê de quatro meses era a reencarnação do Lama, o Superior do Mosteiro. Colocaram o bebezinho em cima de um tapete no meio de um salão dentro de uma caverna. Os lamas todos sentados em círculo, concentrados, em profunda meditação. Com a força do pensamento, o Grande Lama fez o bebê ficar de pé e andar. Um bebezinho de quatro meses, caminhando como um homem. Até que parou na frente do Lama, e falou, com toda clareza: “Eu sou Buda, sou o Lama que morreu, sou o seu velho espírito em um corpo novo”. Um bebê de quatro meses! Era assustador.

LEONID - Hum. Não sei, não.

AMIGO - Eu estava falalando de outro titipo outro tipo de exexemplo. Expeperimentatal.

BLAVATSKY – O que?

AMIGO - Leonid didisse que vovocêê é cacapaz de produzir fenonômenos contra a nanatu a nanatu contra a nanatatu...

LEONID – A natureza.

BLAVATSKY – Contra, não. Ninguém realiza nada contra a natureza. O que existe é outros jeitos de mexer com a natureza, com as leis da natureza.

TIA (*com extremo desdém*) – Ha!!! (*sussurra*)

BLAVATSKY – Eu já vi gente que é capaz de reproduzir um objeto.

LEONID - Do nada?

BLAVATSKY – Do nada? Não. De um objeto. Transformar um objeto em dois idênticos.

Gente capaz de mudar o peso das coisas, deixar mais leve, mais pesado...

AMIGO - E você sabe fazer isso?

BLAVATSKY – Já fiz, mas nem sempre consigo quando eu quero. Ainda tenho muito o que aprender.

LEONID – Faz para a gente!

VERA - Tia Caterina, acho...

TIA (*baixo*) - Não, não! Isso eu quero ver.

BLAVATSKY – Vou tentar, mas não garanto nada. Vamos ver. Essa mesinha de xadrês.

TIA (*alto, cética*) - Ha!!!

LEONID – Olha...

BLAVATSKY – Vá, Leonid, veja o peso dela agora.

Leonid vai e levanta cuidadosamente a mesinha, sem nenhum esforço.

AMIGO - Pposso?

BLAVATSKY – Por favor.

Ele vai até a mesinha e levanta também, sem esforço.

TIA - Não vai nem tocar na mesa?

BLAVATSKY – Não. Quer levantar também, tia?

TIA - Humpf! Não acredito em bruxaria.

BLAVATSKY – Papai.

PAI - Vamos ver a mágica.

Helena Blavatsky se acomoda melhor, relaxa as mãos nos braços da poltrona, fecha os olhos.

Um momento de intenso silêncio. Todos olham da mesa para Helena e vice-versa, à espera.

Ela faz um gesto, sem nada dizer.

Incrédulo, sorrindo, cético e irônico, Leonid vai até a mesa.

E não consegue levantá-la.

Tenta pegar o móvel de várias maneiras, tremendo de esforço e a mesinha não se move.

AMIGO – Pposso?

Helena faz um gesto de concordância, ele vai e tenta, diversas vezes, sem sucesso.

Intrigados, Leonid e o Amigo ficam examinando a mesa, para ver se está pregada no chão.

VERA - Titia?

TIA - Ha! Isso nem bruxaria é. Truque barato, coisa de circo.

Lentos aplausos: o Pai que estava alheio à cena, bate palmas.

BLAVATSKY – Quer tentar também, pai?

PAI - Não, filha. Melhor não.

BLAVATSKY – Não acredita?

PAI - O problema é se eu começo a acreditar. Daqui a pouco vou estar acreditando em demônio, em bruxas e feiticeiras, como alguém que eu conheço. Vão ter de me trancar no asilo. *(sorriem os dois, ele retoma a paciência)*

LEONID - Como você fez isso?

BLAVATSKY – Eu não faço nada. Eles fazem *(gira o dedo no ar)*.

AMIGO - Quequem?

BLAVATSKY – Kikimore.

LEONID - Os duendes? Não! Eu não acredito em duende!

AMIGO - É inti é inti intiti

LEONID - Intrigante, não é?

AMIGO - Isso.

LEONID – É inacreditável!

BLAVATSKY *(aponta a mesa)* – Tente de novo.

Leonid vai até a mesinha, firma os pés no chão, pega duas pernas da mesa e usando o corpo todo tenta levantá-la.

A mesa voltou ao seu peso normal e ele cai sentado no chão pelo excesso de força: a mesa sobe no ar, as peças de xadrês voam e se espalham pelo palco.

Tia Caterina ri. Descontrola-se, tem um pequeno ataque de riso, constrangedor.

Ficam todos sem saber o que fazer, sorrindo perdidos uns para os outros.

VERA - Tia, quer que eu acompanhe a senhora...?

TIA - Não. Não!! Quero ficar aqui e ver mais. Mais.

AMIGO - Leonid falou da adivim adivivim...

VERA (*animada*) - Adivinhação. Isso!

LEONID – Papai! Papai pensa alguma coisa.

PAI - Não, não...

VERA - Então, não pense, escreva.

PAI (*hesita um instante*) - Está bom. Eu escrevo.

LEONID – Mas Helena não pode ver.

BLAVATSKY – Não vejo.

Vera vai até ela e carinhosamente tapa seus olhos.

Helena fica acariciando a mão da irmã, enquanto o Pai pega a pena que há no tinteiro sobre a mesa e rasbica uma frase rapidamente no bloco de papel, dobra a folha, guarda no bolso.

E volta a mexer com as cartas do baralho sobre a mesa, afetando ausência.

VERA - Pronto.

BLAVATSKY (*breve tempo, concentrada*) – É... Não sei. É só uma palavra. Estranha...

ZAITCHIK! É isso. ZAITCHIK. Mas não sei o que quer dizer.

LEONID - Pai?

O Pai interrompeu no meio um gesto e está perplexo. Nada diz. Levanta-se, tira do bolso o papel que Leonid pega de sua mão.

TIA - Me dê isso aqui! (*Leonid dá, ela ajusta o pince-nez no nariz, desdobra o papel e lê, sem qualquer dificuldade:*) “Qual era o nome do meu cavalo de guerra favorito, que montei na primeira campanha turca? ZEITCHIK?”. Ridículo! A menina devia saber! Vivia com você no quartel!

Leonid pega o papel da mão dela e vai ler junto com o Amigo.

PAI - Caterina, a primeira campanha turca foi antes dela nascer!

TIA - Não interessa! Você pode ter contado para ela! Viviam falando de cavalos, feito dois soldados!

VERA - Seja como for, titia, Lolya não sabia o que papai ia escrever.

TIA - É. Mas... Mas podem ter combinado antes!

PAI - Caterina! Por favor!

TIA - Para me enganar.

BLAVATSKY – Tia...

TIA (*põe-se de pé, bravíssima com Helena*) – Não fale comigo! Enquanto eu não entender o que vi, não quero que fale comigo! Você não vai me enfeitiçar! Não vai!

Súbito black-out.

TIA (*no escuro*) – Mais essa agora!

Segundos depois, a luz voltar a se acender: todos os móveis estão de pernas para o ar.

Vera se amedronta.

TIA - Eu não acredito! Não acredito! Não acredito!

VERA - Tia! Tia Caterina, por favor...

Saem Vera e a Tia.

Leonid e o Amigo olham em torno, perplexos.

LEONID - Tem de ter uma explicação, tem de ter!

A área iluminada se reduz a Helena Blavatsky e seu Pai.

Leonid e o Amigo saem no escuro.

PAI (*para Helena*) - É isso que você tem estudado?

BLAVATSKY – Não exatamente. Isto é só uma consequência. A menor, acho, a menos importante, uma bobagem, pensando bem. Ninguém fica ensinando a revirar a mobília. Junto com o conhecimento verdadeiro, vem essa força. Às vezes, fico desesperada, porque não sei controlar, porque ela é cada vez maior e minha vontade ainda é fraca. Tenho muito que aprender.

PAI - O que, filha?

BLAVATSKY - Ainda existe no mundo, pai, um conhecimento tronco, e mestres que controlam outros poderes que vão além da matéria, uma sabedoria divina que existe desde antes de toda religião, de toda ciência, de toda obra do homem. É isso que eu quero para mim, é isso que eu quero para o mundo.

PAI - Então... não vai ficar conosco?

BLAVATSKY – Não posso. Eu sinto chamados, Pai, de lugares estranhos. E vou. Tenho de ir. Minha missão eu nem comecei a cumprir ainda. Tenho de encontrar o meu tao, de abrir o meu caminho.

A área de luz fica ainda menor: só o Pai no foco.

PAI - Vai embora?

BLAVATSKY (*no escuro*) - Vou. Me esperam os kudiany nas florestas do Cáucaso.

Música.

A luz vai baixando muito lentamente sobre a figura solitária do Pai.

Luz no primeiro plano, Vera anda de um lado para outro, esfregando as mãos, nervosa, esperando.

Ao fundo do palco vazio, um foco vertical ilumina uma alta cama.

Helena Blavatsky está deitada, inconsciente.

Curvado sobre ela, um jovem Médico a examina.

Subitamente, o Médico se sobressalta, levanta as mãos e olha a paciente, muito assustado.

Afasta-se lentamente da cama e vem correndo na direção de Vera.

MÉDICO (*apavorado*) – A senhora vai me desculpar, mas não posso ficar sozinho no quarto com a paciente.

VERA (*alarmada*) - Aconteceu alguma coisa?

MÉDICO – Eu não sei explicar, mas a mobília mexe sozinha, os objetos mudam de lugar, tem barulhos por todo lado. E agora... Agora... Passou dos limites.

VERA (*ri, nervosa*) - Diga, doutor, diga.

MÉDICO – Não foi engraçado. Eu vi... uma mão... É. Uma mão. Sem corpo. Uma mão escura, negra ou oriental, não sei, tocando o ferimento do peito, junto com as minhas mãos.

VERA (*controlando o riso nervoso*) - Doutor...

MÉDICO – Eu sou um homem de ciência, Madame...

VERA - ... o que tem a minha irmã?

MÉDICO – ...não acredito nessas coisas.

Médico sai, Vera vai atrás.

VERA - Doutor! Doutor! Eu fico no quarto com o senhor! (*saem*)

A música cresce.

A cama vem deslizando do fundo do palco para a frente, passando por uma sequência de focos verticais.

Insconciente entre os lençóis, Madame Blavastky delira, inquieta, agitando a cabeça, entreabrindo os olhos, ofegante.

Vera volta sozinha, preocupada, um lenço amassado na mão, caminha de um lado para outro. Helena Blavastky abre os olhos.

BLAVATSKY – Vera?

VERA (*assusta-se, chora, faz o sinal da cruz, abraça a irmã deitada*) – Lyolya! Lelinka!

Graças a Deus. Voltou a si.

BLAVATSKY – Não, eu nunca saí daqui. Tinha era mais alguém aqui dentro de mim, uma outra pessoa, de outro lugar, de outro tempo até. Quando falavam comigo, o médico, você, a criada, eu entendia e respondia como eu mesma, mas aí fechava os olhos e voltava o pensamento do outro na palavra onde tinha parado, não era mais eu, era outro dentro deste corpo. Acordada, e eu mesma, lembrava muito bem desse outro, de tudo o que fazia. Dominada pelo outro, não fazia a menor idéia de quem era eu. (*breve tempo*) Vera, escute.

VERA - O que?

BLAVATSKY – Escute. Os barulhos pararam.

VERA - É verdade!!!

BLAVATSKY – A partir de agora, nunca mais vou estar sujeita a influências externas. Me livrei dos últimos vestígios da minha fragilidade psicofísica. Para sempre. Estou limpa. Purificada e livre da terrível atração dos espectros. Graças aos Mestres, as forças (*com certo esforço, gira o dedo no ar, as duas sorriem*) não me controlam mais, agora sou eu que controlo a minha força. Eu, Helena Pretovna Blavatsky.

Grande música.

Black out.

SEGUNDO ATO

A música muda.

Projeção: do centro do palco, globos de névoa luminosa, azulada, rósea, esverdeada, deslizam suavemente para a platéia, criando uma atmosfera mágica.

Junto com os globos, surgem de uma abertura invisível no centro do palco, fantasmas materializados reverberando na luz negra:

uma moça indígena norte-americana “jovem, esbelta, de belos movimentos, cheia de alegria corporal”, entra e caminha curiosa, silenciosa, até a boca de cena, olha a platéia como quem olha o mundo do além por um espelho, sorridente e deslumbrada. Seu corpo estremece e ela faz uma breve dança indígena. Quando está saindo de cena, dançando:

entram duas velhas indígenas norte-americanas, uma mais corpulenta e rústica, amparando a outra, que parece estar chorando por trás das mãos com que cobre o rosto. A mais rústica toca o ombro da outra e aponta o fundo da platéia com o dedo, num gesto singelo e misterioso. A índia que chora destampa o rosto e olha na direção apontada. Estende ambos os braços e sorri, entre lágrimas. A índia mais velha a conduz embora. Enquanto estão saindo:

entra um oficial do exército norte-americano dos anos 1850, fardado, com o rosto desfigurado, os dentes à mostra pelo corte na face coberta de sangue. Mesmo assim, ele sorri para o fundo da platéia, e faz um gesto amoroso, como se mandasse um sopro de seu coração para a pessoa que lá viu. Enquanto ele sai:

entra um gigantesco indígena norte-americano, com uma túnica de couro de antílope franjada, perneiras do mesmo material, uma pena na cabeça, com algumas varas rígidas na mão. Ele olha a platéia como quem não entende nada e vai saindo lentamente, sempre muito desconfiado.

Enquanto ele sai, a projeção se transforma em uma reverberação luminosa, como o sol visto do fundo da água agitada. Depois de duas ou três dessas vibrações de luz, explodem novos globos de névoa luminosa e colorida.

Do centro do palco, surgem, em rápida sequência, as aparições de:

um menino servo georgiano com a roupa típica dessa região do Cáucaso;

um árabe tão envolto em seus mantos que não se vê seu rosto;

uma camponesa russa com um bebê novo enrolado em panos nos braços;

um cavaleiro curdo armado com cimitarra, pistolas e uma lança ornada de fitas e franjas;

um cavalheiro europeu fardado com alto chapéu enfeitado de penas e o peito coberto de medalhas.

Todos avançam para o proscênio e compõem um grupo que olha a platéia com a perplexidade de alguém que foi transportado durante o sono e acorda em outro lugar.

Por fim, entra um feiticeiro da África, de aspecto diabólico, usando um adorno de cabeça composto de quatro chifres de oryx com guizos nas pontas, presos a uma tira bordada muito colorida amarrada à cabeça, com uma franja que lhe cobre inteiramente o rosto.

Em segundo plano, ele dança, silenciosamente, espasmodicamente, uma dança de possessão, enquanto o menino georgiano, o árabe, o cavalheiro europeu e o cavaleiro curdo saem de cena.

A camponesa permanece na boca de cena, olhando a platéia com os olhos apertados de atenção, a mão sobre a boca.

Ela estende o braço num gesto de contato, fecha a mão no ar como se colhesse alguma coisa que traz para o coração, baixa a cabeça e sai de cena.

O feiticeiro africano sai em seguida, pelo lado oposto, sempre dançando.

A música muda.

As reverberações da projeção fundem-se à luz da lua cheia que brilha no céu estrelado.

A princípio não se sabe se o homem e a mulher que surgem na noite são aparições ou pessoas reais.

São Olcott e Helena Blavatsky.

Ela coloca o cigarro na boca, ele acende.

OLCOTT – Permettez-moi, madame.

BLAVATSKY – O senhor está aqui faz quanto tempo?

OLCOTT – Quinze dias. E devo ficar mais um mês.

BLAVATSKY – Arh! Com essa comida?! (*riem os dois*) Gosta tanto assim das aparições?

OLCOTT – Quero ter certeza que não é fraude.

BLAVATSKY – Devia perguntar para o coronel Henry Olcott. Já leu o que ele escreve no Daily Graphic? Todo mundo lê. Tive de pagar um dólar para conseguir um jornal.

OLCOTT – O que acha do que ele diz?

BLAVATSKY – Interessante. Eu também tenho as minhas dúvidas sobre o espiritismo.

OLCOTT - Também é estudiosa do assunto?

BLAVATSKY – (*ri*) Digamos que sim. Mas minhas dúvidas são diferentes das dele. Fiquei com medo de vir para cá e encontrar com ele.

OLCOTT - Por que tem medo do coronel Olcott, Madame?

BLAVATSKY - Ah, tenho medo que ele fale de mim no jornal.

OLCOTT – Pode ficar sossegada. Garanto que ele não vai falar da senhora no jornal.

BLAVATSKY – Conhece o coronel Olcott?

OLCOTT – Eu *sou* o coronel Olcott.

BLAVATSKY (*ligeiro sobressalto, talvez fingido, mas decerto sedutor. Ri*) – Desculpe.

Helena. Helena Blavatsky.

OLCOTT – Russa.

BLAVATSKY – Russa. Mas não vivo na Rússia faz muitos anos. Achou que eu era francesa?

OLCOTT – Pela roupa, não. Pela fala. Seu francês é perfeito.

BLAVATSKY – Só prefiro o francês porque não falo bem inglês.

OLCOTT – É. Vamos ter de escolher uma das duas: de russo eu não falo nada.

Riem ambos, provocados e provocadores, sedutores e seduzidos.

Formam um estranho casal:

ela com uma esquisita camisa escarlate por cima da saia deselegante,

ele um primor de convencionalismo discreto.

Os dois continuam passeando pelo palco numa linha sinuosa, sem destino.

BLAVATSKY – O que tem a minha roupa? Não gostou da camisa?

OLCOTT – Parece uma *camicia rossa* de Giuseppe Garibaldi.

BLAVATSKY – É uma camisa de Garibaldi. Eu lutei ao lado dele.

OLCOTT – Na Itália?

BLAVATSKY – É. Em Mentana. Enfrentamos os soldados franceses e o exército do papa.

OLCOTT – Mulheres-soldado lutando pela liberdade da Itália.

BLAVATSKY – Um batalhão de mulheres da Europa inteira, ombro a ombro com os soldados.

Eu fui ferida e me deixaram no campo, fui dada como morta. Um golpe de sabre aqui e aqui (*estende o braço*) Sinta. (*Olcott toca o braço dela timidamente*) E dois tiros de mosquete. Aqui (*mostra o ombro, ele não toca*) e aqui (*levanta a saia e mostra a perna coberta de meia escura. Pega a mão de Olcott e coloca sobre a coxa, pouco acima do joelho*) Sente a bala?

OLCOTT (*constrangido*) – Claro. Para mim, que fui soldado, é curioso uma mulher ferida em batalha.

BLAVATSKY (*abrindo ligeiramente a camisa*) – Tenho aqui, no coração, uma outra cicatriz que sangra de novo sempre que alguma coisa importante me acontece.

Pega a mão dele e enfia na abertura da camisa, num gesto audacioso, mas não vulgar.

Por um momento, olham-se nos olhos.

OLCOTT – Outra batalha?

BLAVATSKY – Outras batalhas.

OLCOTT – (*retirando a mão, retomando o passeio*) Acredita na mediunidade dos irmãos Eddy?

BLAVATSKY – O senhor acredita?

OLCOTT – Estou aqui para investigar. Contratei um engenheiro, um marceneiro. Examinamos tudo. Tenho certeza absoluta de que não tem nenhum alçapão secreto no salão deles. Os dois irmãos são homens rudes, quase analfabetos. Não têm nem conhecimento, nem dinheiro para comprar, nem lugar para esconder tantas fantasias. Hoje, por exemplo. Até agora só tinha visto espíritos de índios e da gente simples, igual a eles. Foi a primeira vez que apareceram esses tipos estranhos.

BLAVATSKY – Eu sei.

OLCOTT – Como assim?

BLAVATSKY – Fui eu que chamei aquelas outras figuras.

OLCOTT – Como assim?

BLAVATSKY – Não foi William Eddy. Fui eu.

OLCOTT – Como assim? Você estava sentada na platéia. Eu vi. Não pode ter sido você. Não estava em transe.

BLAVATSKY – Não preciso estar em transe.

OLCOTT – Como assim?

BLAVATSKY – Não sofro nenhuma alteração corporal, nem de consciência, não dependo de nenhuma condição especial, nem de escuro, nem de silêncio. O médium é passivo, sujeito a influências externas. Eu controlo essas forças com a minha vontade.

OLCOTT – Não estou entendendo...

BLAVATSKY (*inflamando-se*) – Acha mesmo que esse médium, Eddy, tem controle inteligente sobre essas formas que aparecem quando ele entra em transe?

OLCOTT (*também exaltado*) – Espíritos. São espíritos de mortos.

BLAVATSKY – São projeções dele próprio. O duplo astral dele assume as formas que os espectadores sugerem mentalmente. As pessoas vêm aqui em busca de consolação, querendo encontrar seus entes queridos que morreram...

OLCOTT – Não! Não pode ser uma mascarada. A aparência dos espíritos é muito variada, a altura, o volume do corpo. Não dá para William Eddy parecer criança, por exemplo. Ou uma mulher magra.

BLAVATSKY (*acalorada*) – Não! Não com o corpo físico. É o corpo astral dele. Uma projeção que ele produz no akasha!

OLCOTT – Desculpe, mas não sei do que está falando. Eu acredito nos espíritos.

BLAVATSKY (*muito exaltada*) - Um espírito é uma essência, um poder. Não tem forma! A simples idéia de forma implica materialismo. Os espíritos, as almas astrais podem assumir muitas formas, mas a forma para eles não é um estado permanente. Quanto mais material a nossa alma, mais materialista a nossa concepção de espírito. Esse é o maior problema do espiritismo americano: materialismo, um circo de fenômenos, um deboche, completamente indiferente ao lado filosófico!

OLCOTT – Então você não acredita no espiritismo!

BLAVATSKY – Se é para combater o progresso do materialismo, eu defendo o espiritismo.

OLCOTT – Mas não acredita.

BLAVATSKY - Não. Não nessa forma de espiritismo.

OLCOTT – E existe outra, Jack?

BLAVATSKY – Jack!?!

Blavatsky ri com gosto do apelido e continua caminhando até o extremo do palco.

Olcott se detém e volta-se para a platéia, no centro do palco, fala diretamente para o público.

OLCOTT - Nós dois sentimos que éramos do mesmo mundo, cosmopolitas, livres pensadores.

O que nos ligou foi uma simpatia comum pelo lado oculto superior do homem e da natureza; a atração de alma para alma, sem nada de sexo. Nem naquele momento, no início, nem depois, nenhum de nós dois jamais sentiu que o outro era do sexo oposto. Éramos simplesmente parceiros, camaradas, e nos tratávamos assim.

Blavatsky se detém junto à coxia de um dos lados do palco.

Faz um gesto de desconsolo com as últimas palavras dele, decepcionada porque ele não a vê como mulher.

Repentinamente, no extremo oposto do palco, em um foco de luz de outra natureza, surge a figura do Mestre.

BLAVATSKY (*sussurra*) – Mestre!...

MESTRE - Na América encontramos o homem que será líder.

Não é ainda. Será.

Homem de grande força moral, altruísta.

Ele e você estão longe de ser o melhor, mas são o melhor possível.

A sua obra começa.

Madame Blavatsky cobre a boca com ambas as mãos, tomada por grande surpresa e intensa emoção.

Enfia a mão na abertura da blusa vermelha, toca o coração.

Retira a mão e olha o sangue na ponta dos dedos.

Apagam-se de chofre as luzes de ambos.

Sozinho em cena, Olcott traga o cigarro que acendeu durante o diálogo de Helena com o Mestre.

OLCOTT (*soprando a fumaça no ar*) – Nossa amizade, que começou em fumaça, acendeu um grande fogo de amor fraterno. Conhecer Helena Blavatsky foi uma educação, trabalhar com ela e privar de sua intimidade, uma experiência mais que preciosa.

Olcott sai.

Música.

Mudança de luz.

Do alto despenca uma grande cortina pintada com o mural da Lamaseria (ver referência).

Entram dois homens, que podem ser Judge e George Henry Felt, este muito pedante, e Olcott, logo depois dos dois.

Junto com eles, Helena Blavatsky e as outras três atrizes (Repórter, Dama 1 e Dama 2), todos com roupas cosmopolitas e elegantes.

Não há personagens muito definidos, os atores têm funções.

Trazem consigo móveis esparsos e montam no palco a sala da Lamaseria.

Só uma das mulheres não participa da arrumação: coloca-se num canto do proscênio, anotando rapidamente num caderninho, enquanto se ouve a sua voz gravada.

REPÓRTER (*voz gravada*) – “Os leitores do *Spiritual Scientist* gostarão de saber que um movimento de grande importância acaba de ser inaugurado em Nova York, sob a liderança do coronel Henry Olcott. Trata-se da Sociedade Teosófica. A fundação se deu nos salões de Madame Blavatsky, onde um grupo de dezessete damas e cavalheiros se reuniu para assistir a uma palestra.”

Volta-se para o palco.

A sala está pronta, todos com xícaras de chá, animados, inquietos, uma excitação no ar, falando ao mesmo tempo.

- OLCOTT – A posição do espiritismo nos Estados Unidos é crítica, não vai muito além de uma forma rasa de religião que só se interessa pelos fenômenos. Sem filosofia.
- DAMA 1 – Mas nunca houve tanto interesse como agora. Todo mundo quer falar com os mortos!
- OLCOTT – Existe um conflito de fundo entre ciência e religião, entre materialismo e espiritualismo.
- FELT - O espiritismo, isso que chamam de manifestações, me interessa pouco. Meu interesse é a matemática, a cabala, as leis secretas da natureza, tudo que pode ser demonstrado com exatidão: a ciência oculta que os egípcios e caldeus conheciam e que a ciência de hoje ignora.
- JUDGE - Uma sociedade de estudos desse tipo, hoje, só faz sentido se for um núcleo de intelectuais corajosos e esclarecidos, para difundir informação.
- DAMA 2 – Uma sociedade que não seja religiosa...
- DAMA 1 – ...nem beneficente.
- DAMA 2 – Que respeite a fé de cada um.
- JUDGE – Um organismo científico, com o objetivo de investigar, não de ensinar. (*pega um grosso livro sobre a mesa*)
- DAMA 1 – Como os Rosacruzes.
- DAMA 2 – O Círculo Hermético! Que tal?
- OLCOTT – Estudos ocultistas é o que a sociedade se propõe a fazer...
- FELT – Sociedade de Egiptologia.
- JUDGE (*lendo*) – Teologia - Do grego: 'ciência dos deuses'. Estudo dos atributos da divindade e suas relações com o mundo e com os homens. Vontade revelada de Deus.
- DAMA 2 – Sociedade Teológica?
- BLAVATSKY – Nunca!
- DAMA 1 – Não! Teologia é a ciência do requenteado: o sujeito tem de acreditar naquilo que outros viram e ouvirem.
- JUDGE (*lendo*) – Teosofia - Do grego: 'sabedoria divina'. Conjunto de doutrinas religioso-filosóficas que tem por objeto a união do homem com a divindade, mediante a elevação progressiva do espírito até à iluminação.
- BLAVATSKY – Sociedade Teosófica...
- DAMA 2 – Gostei.
- DAMA 1 – Eu também.
- OLCOTT – Sabedoria divina...
- BLAVATSKY – Chega de tanto Deus! Que o ser humano veja e ouça por si mesmo.

OLCOTT – Seja então: Sociedade Teosófica.

Aplausos breves es esparsos, todos conversam animados e saem.

Menos Helena Blavatsky.

Ela fala diretamente para o público.

BLAVATSKY – Quando recebi ordens de começar a falar em público sobre os fenômenos e os médiuns, começou o meu martírio! Todos os espíritas caíram em cima de mim, além dos católicos, que já me detestavam porque falo mal da execrável igreja deles, e dos céticos, porque falo mal da execrável pessoa deles. *(breve riso)* ‘Seja feita a sua vontade, El Morya, Mestre’, eu disse. E baixei a cabeça.

Sem parar de conversar com a platéia, vai para a mesa.

Tive de me identificar com o espiritismo. Para isso fui mandada de Paris para a América. Para comprovar os fenômenos, e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, mostrar o equívoco que era a teoria dos espíritos dos mortos.

Acomoda-se à mesa, manipula papéis, livros, tinteiro, caneca de canetas e lápis, se preparando para começar a escrever.

Escrevemos cartas e artigos infundáveis para os jornais, expusemos nossas idéias e nossos corações. Ganhamos alguns amigos, muitos inimigos. Era preciso convencer primeiro que existem seres em um mundo invisível, fossem esses seres espíritos dos mortos ou elementais, não importa. E que existem poderes ocultos no ser humano, poderes capazes de fazer de nós *deuses* sobre a terra. Para isso fizemos, depois, a Sociedade Teosófica. Podem me caluniar e me ofender, podem me chamar de médium, de espírita. Ou de impostora. Aos meus Mestres, os Mahatmas, jurei dedicar minha vida a mostrar a verdade. ‘Satyat nasti paro dharmah - Não há religião superior à verdade’. E serei fiel à minha palavra.

A luz geral se apaga, restando apenas um foco sobre a mesa.

Blavatsky se põe a escrever concentradamente.

A projeção se acende e nela vemos, em um close gigantesco, a mão dela que raspa o papel com a pena, escrevendo:

‘Com toda reverência, entrei em espírito no templo de Isis, e levantei o véu daquele que é, que foi e será’.

Olcott entra com uma grande cabeça de leoa empalhada, de olhos brilhantes, boca escancarada e dentes à mostra.

Apóia o objeto na mesa, e mostra um jornal dobrado na mão.

A projeção se apaga com a entrada dele.

OLCOTT – Escute (*lê no jornal*): “Madame riu. E quando dizemos que Madame riu é como dizer que o próprio riso estava presente, pois o seu riso é a própria essência da claridade, da jovialidade, da alegria. Essa é a atmosfera que Madame, com suas frases inteligentes, sua conversação brilhante, sua carinhosa amizade, suas inesgotáveis anedotas e, atração principal para quase todos os visitantes, os seus fantásticos fenômenos psíquicos, infunde à já famosa Lamaseria, o salão mais atraente da metrópole de Nova York hoje.”

BLAVATSKY – Madame é o rabo dele! Madame era o nome da cadela lulu de minha prima em Paris. Me dê esse jornal. Quero ver quem é essa besta! Como eles sabem que a gente chama o apartamento de Lamaseria?

OLCOTT – As pessoas falam.

BLAVATSKY – Não devem nem saber o que é um lama, quanto mais uma lamaseria. Nem você sabe.

OLCOTT – Sei, sim. *Você é um lama!*

BLAVATSKY – Hah!!! Me dê esse jornal!

Atira-lhe o jornal, divertido, e vai colocar a cabeça de leoa empalhada em um canto da sala.

BLAVATSKY (*lendo o jornal*) – Isso aí o que é?

OLCOTT – Bonito, não é? Para assustar as visitas.

Helena ri.

Olcott senta-se do lado oposto da mesa, diante dela.

Helena atira para ele um maço de folhas escritas.

BLAVATSKY – Escrevi isto aqui ontem de noite, por ‘ordens superiores’, mas não tenho a menor idéia do que vai ser. Talvez um artigo de jornal, talvez um livro, talvez nada. Seja como for, obedeci. Leia, por favor.

OLCOTT (*lendo*) – “Com toda reverência, entrei em espírito no templo de Isis, levantei o véu daquele que é, que foi e será. *A filia vocis*, a filha da voz divina, respondeu do seu trono de misericórdia, do outro lado do véu. O Deus vivo falou por seu oráculo – o homem. E me satisfez.”

BLAVATSKY – Olcott, eles me mandam sentar e escrever. Eu obedeco. E sai tudo com a maior facilidade! Metafísica, psicologia, filosofia, religiões antigas, zoologia, ciência natural... Eu nem me pergunto: ‘Será que eu sei escrever sobre o assunto?’ Simplesmente sento e escrevo.

Os dois se olham um instante, em silêncio.

BLAVATSKY - Não pense que eu estou louca, não.

OLCOTT – Não! Não penso isso!

BLAVATSKY – Jamais tinha escrito uma palavra em inglês, nem publicado nada, até os artigos de jornal sobre o espiritismo.

OLCOTT – Bom treino.

BLAVATSKY - Se continuar com isso (*aponta os papéis*) vou precisar da sua ajuda.

OLCOTT – Claro, Jack!

BLAVATSKY - Não tenho a menor noção das regras literárias. De preparar o texto para a impressão, correção de provas, não sei nada disso.

OLCOTT – Eu ajudo. Para mim vai ser um aprendizado.

BLAVATSKY - Você pode não acreditar, mas estou dizendo a verdade. O que me ocupa é a própria Ísis. Nunca fui tão feliz, Olcott! Vivo num encantamento permanente, uma vida de visões e revelações, com os olhos abertos. Bem abertos. Sento na frente da mesa e a bela deusa desfia diante de mim o sentido secreto de seus conhecimentos há tanto perdidos. A cada hora o véu de Isis vai ficando mais fino e transparente...

Grande música.

A luz se apaga.

Expandem-se a projeção: uma ritmada composição das mesmas imagens de templos e ruínas antigas mostradas na projeção da primeira viagem dela, que agora se fundem em travellings, panorâmicas e zooms com imagens dos produtos do Homem nessas culturas antigas, cerâmicas, murais, esculturas, armas, utensílios, roupas, etc.

[palavras de Blavatsky em carta para sua irmã Vera:] “as imagens do passado desfiliam diante do meu olhar interior. Lentamente, silenciosamente, como imagens de um panorama

encantado, século após século aparecem diante de mim... Raças e nações, países e cidades, emergem de um século anterior, depois se apagam, se desmancham em outro período, cuja data precisa então me é revelada... A mais remota antiguidade cede espaço a períodos históricos; mitos se explicam com acontecimentos e personagens reais, que existiram de fato; e cada acontecimento, importante ou não, cada revolução, cada folha virada no livro da vida das nações, surge como uma fotografia em minha mente, impresso em cores indeléveis..."

Depois de um breve momento só de projeção, acende-se um foco sobre a mesa, coberta por uma profusão de papéis e livros.

Blavatsky e Olcott estão sentados nos mesmos lugares, um na frente do outro.

Ela escreve furiosamente, ele lê com atenção, o lápis enfiado atrás da orelha, corrige o manuscrito, risca, reescreve coisas.

A projeção prossegue em cima e em torno deles.

À música, mescla-se a voz gravada de Blavatsky:

BLAVATSKY (*gravação, pausada, entrecortada, dividindo as informações*) –

A natureza é triuna:

uma visível, outra invisível,

e, acima delas, o espírito,

eterno, indestrutível.

O ser humano é triuno:

é o corpo, é a alma astral,

e, acima deles, o espírito.

Se a alma se funde ao espírito,

o homem se faz imortal.

A Magia, como ciência,

é o conhecimento desses princípios,

para controlar as forças da natureza.

A música e a projeção cessam bruscamente, volta a luz geral.

OLCOTT – Não posso deixar passar esta citação aqui. Tenho certeza que não pode ser como você escreveu.

BLAVATSKY – Ah, não tem importância, deixe assim mesmo. Ninguém vai perceber no meio de tanta coisa...

OLCOTT – Você não pode fazer uma coisa dessas.

BLAVATSKY (*irritada*) – Posso fazer o que eu quiser.

OLCOTT (*duro*) – Não, não pode. Ninguém pode. Quem faz citação, tem de fazer direito.

BLAVATSKY – Escute aqui! O que eu sei de inglês aprendi na infância, faz mais de trinta anos! Nunca estudei nada disso! Nunca fui para a faculdade! O que eu sei, aprendi sozinha!

OLCOTT – Não é desculpa! Isto está errado e dá para corrigir.

BLAVATSKY (*explodindo*) – Então corrija e não me amole!

OLCOTT (*respirando fundo, fazendo um esforço para se controlar*) – Se você, ou os seus Mestres puderem indicar o livro...

BLAVATSKY (*violenta*) – Não mexa com os Mestres! Você também? Você... você...

OLCOTT (*explodindo também*) – Eu... (*respira, controla-se, levanta-se*) Você está fora de si outra vez. Vou sair.

Encaminha-se para a coxia.

BLAVATSKY (*no último momento*) – Bom, espere um pouco. Eu tento conseguir o livro.

Olcott se detém e olha para ela.

Madame Blavatsky concentra o olhar em um ponto fixo da mesa, a luz fica mais intensa sobre a mesa.

Música.

Os papéis começam a mexer sozinhos e sobem, empurrados por baixo por alguma coisa.

Surge do meio deles sobre a mesa um grosso volume encadernado em couro.

BLAVATSKY – Pronto. Pode pegar o livro e corrigir o meu escrito.

Olcott volta para a mesa, senta-se, e, deslumbrado, examina o livro.

Helena pega uma tesoura e, afetando total concentração, recorta uma página, depois outra, e, febrilmente, ao longo da sequência seguinte, recorta e cola pedaços de seus próprios textos, formando páginas compridas, que transbordam da mesa.

Mudança de luz e de música.

A projeção volta a envolver os dois com seus ritmos visuais: uma sequência de páginas de livros antigos, em papiro, em pergaminho, em papéis de diversas texturas, com iluminuras, mapas, diagramas, e sobretudo textos, textos e mais textos, escritos nos mais variados e

estranhos alfabetos, em escrita cirílica, em escrita cuneiforme, em hieroglifos, em ideogramas orientais, no alfabeto indiano, no árabe, no grego clássico...

À música, mescla-se a voz gravada de Blavatsky.

BLAVATSKY (gravação) - A Magia é a Sabedoria espiritual.

A Natureza é o aliado material, pupilo, servidor do mago.

Um único princípio vital permeia todas as coisas,
esse princípio pode ser controlado pela vontade.

O conhecimento arcano mal aplicado é bruxaria;
seu uso benéfico é a magia verdadeira,
a Sabedoria Divina.

Ainda sob a projeção, ainda com a música, começam a entrar todos os outros atores.

Não há personagens definidos, são os frequentadores da Lamaseria que retornam.

Todos falam ao mesmo tempo, há um clima de festa, de celebração, de ânimo e esperança, como nos anos 1960.

BLAVATSKY (divertida, mostrando uma página-colagem) – É assim que eu escrevo. Olhe se isso aqui é manuscrito que se apresente! (*ri, sacode a página, nota a gordura do próprio braço e se auto-debocha*) Escrevo, corto, colo e engordo (*ri, muito alegre e animada*).

RABINO – Pom, feja bem, meu querrida, pode ser que texto não está bonito, mas conteúdo decerto luminoso. Trinta anos eu estuda cabala de meu religion, dois horas converrsa com Madame esclarece os passaxens difícels mais que todos mestres que conhece.

[Olcott a respeito do místico judeu, que era médico: “Homem estranho, muito estranho. Tem dotes de vidência e percebe espiritualmente as doenças dos pacientes. Velho, magro, curvado, cabelo ralo, fino, espetando em todas as direções na nobre cabeça. Passa rouge no rosto para disfarçar a excessiva palidez. Tem o hábito de jogar a cabeça para trás e ficar olhando vago no espaço enquanto escuta. Sua pele é transparente e extremamente fina. Usa roupas de verão em pleno inverno. Tem o peculiar costume de começar todas as suas respostas com: ‘Pom, feja bem, meu querrida.’]

DAMA ELEGANTE 1 – Não acredito em milagre. Milagre é uma transgressão das leis da natureza.

BLAVATSKY (*alarmada, eloquente*) - Não existe milagre! Tudo o que acontece é resultado da lei: eterna, imutável, ativa. O que parece milagre é só a ação de forças que vão contra aquilo que os cientistas, de grandes conhecimentos, mas pouca sabedoria, chamam de “leis bem estabelecidas da natureza.”

SIGNOR B – Si, si. I miracoli si fanno con il potere della volontà. (*olha Madame nos olhos, com intensidade*) Hi-la-rion.

BLAVATSKY (*sobressalta-se com o nome dito assim tão solto*) – Cosa c’è? Sono pronta!

SIGNOR B (*interrompendo a ligação*) – Guarda! Guarda!

Signor B fecha os olhos, faz um gesto grandioso e uma borboleta branca entra voando. Todos olham, assombrados, num súbito silêncio.

BLAVATSKY – Bonitinho! Mas isso eu também faço!

Faz um pequeno gesto discreto, quase imperceptível, e uma segunda borboleta branca entra voando. As duas revoam uma em torno da outra, subindo numa espiral até desaparecer.

RABINO (*baixo para Olcott*) – De onde vem tanto erudição dela?

BLAVATSKY (*ouvindo e respondendo antes de Olcott*) - No Oriente, explorando os santuários desertos, duas perguntas me oprimiam: Onde está, quem é, o que é Deus? Quem jamais viu o espírito imortal do homem? Foi procurando essas respostas que entrei em contato com homens que têm poderes misteriosos e um conhecimento tão profundo que podem ser chamados de sábios do Oriente. São os meus Mestres, que falam comigo à distância, que ditam na luz astral tudo o que eu tenho de escrever. Com eles aprendi que combinando ciência e religião, pode-se demonstrar como um teorema a existência de Deus e a imortalidade do espírito humano. É isso o meu livro.

A Dama Elegante 2 traz da coxia uma prancha de madeira grande, com uma coleção de copos de cristal de diversas formas e tamanhos, todos semi-cheios de água em alturas variadas.

Ouve-se um “ah!” de deleite.

Os dois cavalheiros ajudam e colocam a prancha com cálices sobre a mesa.

Todos se reúnem em torno.

A Dama Elegante 3 entrega a bolsa para a amiga, tira as luvas, estala os dedos, flexiona as mãos.

E nos copos de cristal, como numa harpa de vidro, toca uma breve canção russa: Katjusha. Ao terminar, todos aplaudem.

OLCOTT (*para Blavatsky*) – Agora você.

BLAVATSKY – Eu?

SIGNOR B - Si, si. (*gira o dedo no ar*) I campanelli.

BLAVATSKY – Lo faccia lei.

SIGNOR B – No, io no. Non ho orecchio. Lo faccia lei.

Para animá-la, a Dama Elegante 3 toca as três primeiras notas da canção russa.

Helena se concentra, o olhar fixo num ponto.

E se escuta soarem no ar campainhas que reproduzem as notas.

Um oh de assombro dos convidados que olham em torno, perdidos.

A Dama Elegante 3 toca mais um trecho.

Helena reproduz no astral os mesmos sons.

Todos escutam, suspensos numa atmosfera de extrema delicadeza.

Quando termina a canção, o silêncio perdura um momento, como se todos estivessem com a respiração suspensa.

BLAVATSKY (*rompendo o silêncio*) - O coração humano ainda não se mostrou inteiro...

(*breve tempo*) E agora, vamos tomar chá! Que tal?

OLCOTT – Um momento! (*vai até a mesa e pega uma tabuleta que pendura em algum lugar*)

CHÁ

Os convidados encontrarão água fervendo e chá na cozinha,
talvez leite e açúcar,
e farão o favor de servir-se sozinhos.

Risos.

Saem todos, levando cada um a peça de móvel que trouxe no início da cena, sobra apenas a cortina pintada, uma cadeira tombada, uma mesinha com xícaras, papéis e alguns objetos em desordem pelo chão.

OLCOTT (*para a platéia*) - Durante dois anos, trabalhei com ela enquanto escrevia *Ísis sem véu*. O livro era considerado uma aventura literária perigosa, árido, pesado. Mas a primeira edição se esgotou em uma semana. Helena Blavatsky virou uma celebridade internacional. Para nós, foram anos de trabalho duro. Nosso objetivo era aprender experimentalmente tudo o que fosse possível sobre a constituição do ser humano, sua inteligência, seu lugar na natureza. Principalmente a Mente, a Mente ativa. Testamos médiuns, fizemos experiências de psicometria, telepatia, mesmerismo, escrevemos para jornais. O progresso era lento. Proibida pelos Mestres, Helena se recusava a realizar qualquer fenômeno nas reuniões públicas. Os membros da Sociedade Teosófica foram se desinteressando, até que depois de um ano e pouco o que restava era uma organização de sólida plataforma, uma ruidosa visibilidade, e a indestrutível vitalidade de dois amigos, uma mulher russa e um homem americano, que nem por um momento duvidavam da existência dos seus mestres e do grande futuro da Teosofia. A chamado dos Mestres, partimos para a Índia.

Olcott sai.

Ressoa um trovão lá fora, ruído de chuva forte.

Entra a mesma Repórter do início do ato, toda molhada de chuva.

REPÓRTER - Helena P. Blavatsky está para deixar a América, segundo ela, para sempre. A repórter, muito molhada (*indica a própria roupa*), chegou ao agradável apartamento na Oitava Avenida esquina com Rua Quarenta e Sete (*indica o cenário com um gesto largo*), e foi levada a uma sala de jantar completamente desarrumada, convidada a sentar-se numa cadeira. A desordem (*aponta em torno*) era o resultado inevitável do leilão que ocorreu ontem, e os únicos sinais de ocupação que sobraram foram uma mesinha com os restos do café da manhã (*aponta*) e seus dois ocupantes humanos.

Quando a repórter foi finalmente recebida por Madame Blavatsky (*ela entra, majestosa num amplo pegoir comprido, de seda estampada, um cigarro aceso numa mão, um maço de cartas na outra; a Repórter se põe de pé*), a dama estava enrolando um perfumado cigarro de fumo turco de uma marca famosa. A repórter perguntou: Então, está indo embora da América?

BLAVATSKY – Estou. E deste apartamento...

REPÓRTER - A Lamaseria...!

BLAVATSKY – *(ignorando a interrupção)* ... onde passei muitas horas felizes. Sinto deixar este lugar, mas parece que não sobrou muito para lamentar, não é?

REPÓRTER – Soube que ontem o senhor Thomas Edison presenteou a senhora com com uma das últimas invenções...

BLAVATSKY – O que?

REPÓRTER - Um fonógrafo, não foi?

BLAVATSKY – Ah, foi. Mas já foi despachado.

REPÓRTER – Que pena. Eu queria ver um fonógrafo...

BLAVATSKY – É um aparelho interessante.

REPÓRTER - Quando vai partir?

BLAVATSKY - Não sei nem o horário, nem o navio, mas vai ser logo. E é segredo. Ninguém deve saber quando vou embarcar.

REPÓRTER - Muito se fala do futuro da Sociedade Teosófica. O que se espera é que venha a se transformar em um importante fator de desenvolvimento para a liberdade mental e religiosa do mundo.

BLAVATSKY – Muito obrigada. *(tempo; a Repórter não se mexe)* Muito aprendi na América, mas estou contente de ir embora do seu país. Vocês têm liberdade, mas nada mais que isso.

REPÓRTER *(sorri sem graça)* – Boa viagem!

BLAVATSKY – Obrigada. Consumatum est!

Ela sai e a Repórter fica olhando ela sair como só uma mulher é capaz de olhar outra, com um misto de inveja e desdém.

A Repórter olha para a platéia, indica com ambos os braços a Madame que saiu.

REPÓRTER - Os dois viajam acompanhados por Miss Rosa Bates e pelo artista Edward Wimbridge. Madame Blavatsky como correspondente na Índia para importantes jornais russos. O coronel Olcott na qualidade de representante do Governo dos Estados Unidos, para observar as condições comerciais e os meios de promover o intercâmbio entre os dois países. *(a pobre Repórter resfriou-se com a chuva, e espirra)* Atchim!

Sai.

Entram Jornalista Mulher e Jornalista Homem, ambos de capa de chuva, guarda-chuvas abertos.

A conversa dos dois dura o tempo exato de atravessarem o palco de um lado a outro.

JORNALISTA HOMEM - Essa Blavatsky é uma feminista perigosa.

JORNALISTA MULHER – Não seja preconceituoso. E não precisa se preocupar: ela foi embora para a Índia.

JORNALISTA HOMEM - Mas deixou aqui essa Sociedade Teosófica, que é um antro perigoso.

JORNALISTA MULHER - Perigoso por que?

JORNALISTA HOMEM - Eu sei de fonte limpa que ela e esse coronel Olcott, tentaram transformar a Sociedade Teosófica numa loja maçônica.

JORNALISTA MULHER – E por que eles iam querer isso?

JORNALISTA HOMEM – Porque a maçonaria nos Estados Unidos está, neste momento, muito interessada em tudo que é oriental.

JORNALISTA MULHER – E...?

JORNALISTA HOMEM – Você não vê o perigo que tem aí? Uma sociedade de fanáticos, feminista, orientalista, com o apoio poderoso da maçonaria por trás.

JORNALISTA MULHER - Você ainda tem medo da maçonaria? Metade do governo americano é maçom.

JORNALISTA HOMEM - Exatamente! Isso é o pior de tudo! A subversão vem de dentro: você sabia que essa Madame Blavatsky conseguiu a cidadania americana assim (*estala o dedo*), sem nenhuma investigação, nada? E que o coronel Henry Olcott recebeu um passaporte diplomático sem ter nada a ver com a carreira diplomática?

JORNALISTA MULHER – Mas ele já teve cargo no governo. Me lembro que ele fazia parte do comitê de investigação do assassinato do presidente Lincoln.

JORNALISTA HOMEM – E não é só isso: Olcott recebeu uma ordem de missão especial, *escrita de próprio punho pelo Presidente da República*, veja bem!, recomendando os dois para todos os diplomatas americanos.

JORNALISTA MULHER – Não entendo onde você quer chegar.

JORNALISTA HOMEM – Ora. Esses dois foram para a Índia como “enviados especiais” do governo dos Estados Unidos da América! Um coronel decadente que só pensa em conversar com fantasma e uma russa desmiolada que pelo que me contaram tem um passado nada recomendável.

Raio e trovão.

Saem pelo lado oposto do palco.

Um segundo raio, quase imediato, acende a projeção vastíssima de uma típica paisagem indiana: tropical, colorida, vital, no lugar onde antes estava o painel da Lamaseria.

Música.

A seqüência de imagens começa sobre paisagens diversas, fortemente coloridas, e prossegue, repetindo com imagens novas a mesma seqüência da projeção anterior: da natureza (paisagens, elefantes, babuínos, tigres, najas), para os templos, dos templos para os produtos do homem: objetos, textos, imagens de deuses, e das imagens de deuses para as pessoas; primeiro grupos, depois indivíduos; primeiro em atividade, depois parados, olhando direto para a câmara.

(Nota: só adultos. As imagens de crianças devem ficar para a projeção do final da peça.)

Depois de algum tempo só de imagens, no centro da projeção, acende-se um foco central iluminando o Mestre de braços abertos, com Olcott e Madame Blavatsky sentados cada um em um braço seu, sem peso, sendo levados no colo por ele num mergulho pela Índia.

A música cessa, substituída pelo ruído do vento. Ou por um som musical de vento.

A projeção prossegue em torno deles.

MESTRE – Escute. A voz do silêncio.

De sobre humana coragem é a sua missão.

Este homem é o seu destino.

E seu destino está na Índia.

A Índia cujo destino você transformará.

Para sempre.

O Mahatma pousa suavemente os dois no chão e desaparece no escuro do fundo.

Blavatsky e Olcott dão-se as mãos, como João e Maria, e olham para a frente, animados, valentes, dispostos a seguir de peito aberto o seu caminho.

OLCOTT - Fanáticos se quiserem,

loucos entusiastas,

sonhadores de sonhos impossíveis.

Nossos sonhos, porém, eram de perfeição humana,

nossos anseios, de sabedoria divina,

nossa única esperança, auxiliar a humanidade a ter um pensamento mais elevado e uma vida mais nobre.

À sombra das palmeiras,

nos visitavam pessoalmente os Mahatmas,
e sua presença inspiradora nos tornava fortes para seguirmos o sendeiro que
trilhamos.

BLAVATSKY - Viajamos de trem, de carro de bois, elefante, camelo, bote.

Parando dois ou três dias em cada cidade, vila ou forte.

Vendo a Índia subterrânea, não a Índia externa...

Levantamos às quatro da madrugada e estamos na cama às nove.

O dia inteiro fritando, torrando, tostado ao sol.

Mas, ah!, a inefável friagem, a glória das manhãs, do pôr do sol.

*Anoitece na projeção: uma bela lua cheia brilhando entre farrapos de nuvens sobre palmeiras,
com um rio ou o mar cintilante ao fundo.*

BLAVATSKY - Comparada à lua da Índia a lua da América é uma lamparina de azeite
fumacenta.

*Ainda sob a luz da projeção, arma-se uma sala típica da Índia colonial: cortinas brancas
muito altas e estreitas, esvoaçantes, treliças de bambu, grandes abanos de palha pendulares,
poltronas de cana-da-índia trançada, peles de tigre pelo chão, palmeiras em vasos.*

*Entram todos os atores: um casal de roupas européias, brancas e frescas, os outros todos de
indianos, muito coloridos e preciosos.*

*Reúnem-se as mulheres de um lado, em torno de Blavatsky; os homens de outro, em torno de
Olcott.*

OLCOTT (*ainda para a platéia*) – Logo de início, porém, cometemos um grande erro, que
teve, depois, graves consequências: não procuramos os ingleses, não nos integramos
ao círculo fechado dos colonizadores na Índia. Ao contrário, o que procuramos foi
conhecer os indianos, para entender a diferença entre o ideal de vida ocidental e o
oriental. Vivíamos e respirávamos os ideais espirituais mais elevados. As visitas,
alguns ocidentais independentes inclusive, lotavam nosso bangalô até tarde da noite,
discutindo os problemas mais complicados de filosofia, metafísica e ciência. As
questões coloniais britânicas: riqueza, cor, negócios, política, não entravam pela
nossa porta. A Alma era o tema que alimentava o fogo dos nossos debates. (*integra-
se ao grupo masculino, conversando em voz baixa, apertando mãos,
cumprimentando*)

BLAVATSKY (*para as mulheres à sua volta*) – Os verdadeiros iogues podem ser raros, mas ainda existem. Se forem procurados pela pessoa certa, do jeito certo. Fiquei muito surpresa de ver os indianos negarem sua própria cultura. Eles próprios dizem que a Índia está morta, que a luz espiritual se apagou da sua tocha. Mas eu acredito que isso pode mudar.

THIBAUT (*que estava ouvindo do grupo masculino, vindo até o grupo feminino*) - Madame Blavatsky, sem dúvida, antigamente havia iogues que tinham desenvolvido os siddhis descritos nos livros sagrados. E que podiam fazer coisas maravilhosas como... cair uma chuva de rosas dentro de uma sala como esta, por exemplo. Mas agora ninguém mais consegue fazer isso.

BLAVATSKY (*arrebata*) - Ah, é? Pois eu vou mostrar uma coisa para o senhor, professor, e o senhor pode ir dizer para todos os indianos modernos seus amigos que se não vivessem imitando os ocidentais e fossem mais parecidos com seus antepassados, não precisariam fazer um hipopótamo ocidental em forma de mulher como eu ter de provar a verdade dos seus Shastras.

Helena fecha com força os lábios, depois murmura alguma coisa, levanta a mão direita num gesto imperioso e sobre as cabeças de todos caem algumas rosas.

Um oh! de assombro dos convidados.

Todos pegam as rosas do chão, menos o professor Thibaut, que não esconde a perplexidade cruza os braços, apoia o rosto numa mão, pensando..

SENHORA THIBAUT (*para Helena*) – Se você quer um conselho, meu bem, cuidado com o que diz.

MULHER INDIANA 1 (*mostrando a rosa que tem na mão*) – E faz!

SENHORA THIBAUT - A vida espiritual indiana é completamente dominada pelos missionários britânicos.

MULHER INDIANA 2 – Cristãos, claro.

MULHER INDIANA 1 – Eles atacam com violência tudo o que ameaça o seu direito “dado por Deus”, de salvar os pagãos.

MULHER INDIANA 2 – Pagãos. (*pequeno tempo*) Nós!

Um tempo. E as mulheres todas riem.

OLCOTT – Viajamos pelo norte e ficamos alarmados: são vastidões de campos ressecados, uma visão dolorosa. Não precisa muita imaginação para ver que esse solo sem árvores é um mau sinal. O desmatamento das montanhas e encostas é um crime contra a nação. É um inimigo pior do que qualquer invasor estrangeiro.

INDIANO (*surpreso, despertando*) – É verdade!... Eu entendo: a natureza dá os meios para o progresso humano. As leis da Natureza não podem ser violadas.

Helena se aproxima dos homens, as mulheres junto com ela, formam um único grupo.

BLAVATSKY - Mahatma é uma pessoa que aprende a desenvolver as faculdades mais elevadas e chega a um conhecimento que a humanidade comum só vai conseguir depois que passar por uma série enorme de reencarnações durante o processo de evolução cósmica

INDIANO (*ainda na mesma surpresa*) - Desde que não entre em choque com a Natureza...! Claro!...

OLCOTT - Quando os indianos virem os ingleses interessados na ciência antiga, na filosofia ancestral da Índia, eles mesmos vão querer voltar a estudar esses conhecimentos.

SENHORA THIBAUT – Pode ser otimismo seu, coronel Olcott, mas é um belo plano: devolver a Índia aos indianos.

MULHER INDIANA 1 – O único jeito de restaurar o nosso orgulho nacional é retomar as nossas tradições religiosas e culturais. Só assim podemos liberar a Índia.

MULHER INDIANA 2 – Isso e o Tempo.

INDIANO - Mas retomar a religião, não a superstição.

BLAVATSKY – Isso! Mostrar que esses fenômenos antigos, divinos, não são milagres. E sim efeitos científicos, que se consegue com o desenvolvimento da consciência.

THIBAUT – Madame, seus conhecimentos são fascinantes. Mas não tive a sorte de receber uma rosa. Poderia fazer surgir mais uma, como lembrança desta noite agradável?

MULHER INDIANA 2 (*sussurra alto, para ninguém e para todos*) – É um teste! Ele não acredita!

BLAVATSKY - Ah, claro que sim. Quantas quiser.

Faz outro gesto largo. E cai uma chuva de rosas sobre todos.

(Nota: seria bonito cair uma chuva de pétalas de rosa também sobre a platéia.)

As cortinas do palco se fecham.

A luz da platéia se acende em resistência.

Diante da cortina fechada, é montada uma longa mesa de conferências coberta por uma pesada toalha de tapeçaria com franjas.

São trazidas cinco cadeiras de espaldar alto atrás da mesa, de frente para o público e um grande arranjo de flores naturais é colocado no centro, no chão junto à mesa.

Está montada a mesma cena da abertura do espetáculo.

Durante a montagem do palco, ouve-se a voz de Helena Blavatsky gravada.

BLAVATSKY (*gravada, off*) - Parece que minha doença é mortal, e como os Mestres já me curaram muitas vezes e não têm mais tempo a perder comigo, meu Mestre mandou Olcott me levar para o sul da França, para alguma aldeia isolada, à beira mar.

Uma criada de libré entra no palco com uma bandeja, coloca sobre a mesa uma jarra de água, distribui copos à frente das cadeiras, sempre timidamente controlando a platéia com o olhar. Sai.

A voz de Helena prossegue por cima da ação.

BLAVATSKY (*gravada, off*) – Gastrite em Marselha, bronquite em Nice, gengiva inflamada, neuralgia, reumatismo, ciática, febre na orelha, difteria no pé. Estou caindo aos pedaços, esfarelado como uma bolacha velha e o máximo que vou conseguir é catar e colar os pedaços e levar a ruína toda para Paris.

Entra um jovem empertigado, distribui maços de folhas de papel sobre a mesa, olha a platéia, sorri para alguém, acena formalmente com a mão. Sai.

Depois de mais algum tempo, a criada uniformizada retorna, confere as flores, ajeita a toalha, a cortina.

Entram quatro homens, com o formalismo das roupas ocidentais de final do século dezenove: Olcott, Maitland e Sinnett. E um jovem indiano, altivo e sério, Mohini.

A criada, tímida, sai depressa

Entra uma mulher muito bonita e elegante, “com um vestido preto e amarelo que parece as zebras da criação do Rajá do Kashmir... rosas no cabelo que é como um pôr de sol flamejante, amarelo dourado.... e tilintantes brincos de lua crescente.”

É Anna Kingsford, a “Divina Anna”.

Olcott ocupa o lugar central, Anna à sua direita.

Todos se sentam, menos Olcott.

E congelam em suas posições.

Ao longo de toda essa ação, ouve-se a voz gravada de Madame Blavatsky.

BLAVATSKY (*gravada, off*) - Por que me convidam para ir a Londres? A simples idéia dos seus grupos teosófico e espiritualista é detestável para mim. Quando penso em Oscar Wilde, na Divina Anna Kingsford, em seu parceiro Maitland, tenho um arrepio de horror. Não chego nem perto de Londres. Eu me tornaria odiosa a todos em menos de sete minutos se transportasse minha volumosa pessoa até a Inglaterra. A distância me atribui encantos que eu destruiria com a minha presença. Se meu patrão não tivesse ordenado, eu não saía do meu quarto e do meu ambiente.

Com uma movimentação entrecortada, em staccato, todos fazem a mesma ação de levantar-se e olhar para o fundo da platéia da cena de abertura.

E se imobilizam.

Madame Blavatsky vem andando pelo corredor, não em staccato, mas muito mais devagar no que na cena original.

BLAVATSKY (*gravada, off, por cima da caminhada*) – Só concordei em viajar com uma condição: não quero, não devo e não vou a Londres.

Mohini salta para a platéia e corre até Madame Blavatsky.

No corredor da platéia, atira-se aos seus pés, deitado de cara no chão.

Madame se detém um instante, toca nele com a bengala.

BLAVATSKY (*sussurra só para Mohini, no mesmo tom da gravação*) - Se eu morrer, vocês se livrem de mim sem grande alarde e *addio*.

Perplexo, Mohini ajuda Madame Helena Blavatsky a subir penosamente para o palco.

Um mulher elegante vem correndo pelo corredor da platéia e chega até ela.

No meio da escada, apoiada em Mohini, Madame Blavatsky gira o corpo pesado com dificuldade e olha.

A Mulher agarra sua mão e beija, devotamente. Em prantos, volta para o seu lugar.

Helena tem um gesto de impaciência.

BLAVATSKY (*gravada, off*) - Se eu melhorar, volto pelo mesmo caminho e retomo meu trabalho.

E batalha vigorosamente para subir ao palco.

Olcott e Sinnett vêm ao proscênio recebê-la.

Ela usa o apoio deles para se equilibrar e empurra os dois.

Abre-se o espaço para Anna Kingsford avançar até ela.

Madame Blavatsky abre os braços.

Anna desaparece nas dobras de tafetá negro de seu abraço.

Madame Blavatsky mantém Anna sob seu braço.

BLAVATSKY - Não deu certo o meu plano de tirar de cena você, a "Divina Anna", uma criatura egoísta, fútil, mediúnica, que gosta demais de adulação, de vestidos, de jóias cintilantes...

Solta Anna com um gesto brusco que quase a derruba, fala para a platéia, indicando Anna com um gesto largo.

Como posso encarar uma Sociedade onde alguns membros alimentam essa desconfiança ofensiva com os Mestres e expressam esses pensamentos por escrito? É por isso que eu não queria vir a Londres. Eu... (*cala-se, olha para o fundo da platéia um instante*) A minha vida inteira dedicada à Sociedade Teosófica... (*cala-se, olha o ponto ao longe, ouvindo o que lhe falam do nada.*)

Ao longo do texto, a luz do palco diminui, Sinnett, Maitland, Mohini, Anna, todos recuam imperceptivelmente até saírem de cena.

O cenário se desmancha no escuro, rapidamente, imperceptivelmente, o palco fica vazio, Madame Blavatsky isolada num foco no proscênio.

BLAVATSKY - Não posso desistir agora e entregar a Sociedade Teosófica nas mãos de... (*Escuta o além do fundo da platéia*) É o meu esforço de muitos anos, o objetivo da minha vida, fruto de... (*Escuta o além do fundo da platéia, vai se inflamando aos poucos*) Muito bem! Eu sou russa, não tenho religião, falo o que penso, fumo cigarros, mas minha folha de serviços é limpa. Jamais ganhei dinheiro com a Sociedade Teosófica. Ao contrário: quem me conhece sabe que doei ao movimento tudo o que ganhei, arrisquei minha vida, desafiei a Igreja Católica, os espíritas, e no campo e na corte, no mar e no deserto, nos países civilizados e nos selvagens

sempre fui fiel aos meus Mestres. E como acham que fui recompensada? Fui ofendida, caluniada, chamada de cortesã, me deram amantes, filhos, fortunas ganhas com meu poder de provocar fenômenos! (*possessa*) Até onde vai este martírio? (*escuta, respira, acalma-se aos poucos*) Eu... Eu sei. Não esqueci: “O martírio é agradável de se olhar, de criticar, mas é duro de sofrer.” Eu estou pronta. Posso morrer, sim, mas não a Teosofia.

Helena marcha decidida para fora do foco.

A luz geral vai se acendendo com a sua saída.

Luz de raio, som de trovão, seguido de chuva.

Pelo lado oposto, entram Jornalista Homem e Jornalista Mulher, de capa e guarda-chuva, e atravessam o palco como da primeira vez.

JORNALISTA HOMEM – A Sociedade Teosófica praticamente desapareceu nos Estados Unidos, mas é um sucesso na Índia e no Ceilão. Tem milhares de novos associados, duzentas lojas, acho.

JORNALISTA MULHER – Ah, mas esse triunfo todo está para acabar. Você viu isto aqui? (*mostra um jornal formato tablóide*).

JORNALISTA HOMEM (*lendo o jornal*) – *Revista do Colégio Cristão*. Onde você consegue essas coisas?

JORNALISTA MULHER – É um informativo dos missionários britânicos na Índia.

JORNALISTA HOMEM – Cartas... que Emma e Alex Coulomb... dizem que Helena Blavatsky escreveu para eles. Quem é essa gente?

JORNALISTA MULHER – Emma e Alex Coulomb são a governanta e o zelador da sede da Sociedade Teosófica, em Madras.

JORNALISTA HOMEM - Na Índia.

JORNALISTA MULHER – É. E nas cartas publicadas aí, a “grande mística russa” orienta o casal para realizar fenômenos ocultos fraudulentos, usando painéis e portas corrediças secretas construídos especialmente para isso. Além de mandar que cartas supostamente escritas pelos Mestres, sejam entregues aos destinatários de maneira “miraculosa”, “fenomênica”.

JORNALISTA HOMEM - Essa discussão sobre a possível charlatanice de Helena Blavatsky já é velha. (*devolve o jornal*) Aqui nos Estados Unidos ainda, muita coisa que ela fazia no meio espírita já era questionada, eu me lembro.

JORNALISTA MULHER – Claro que não dá para concluir que Madame Blavatsky não passa de uma charlatã, impostora, que trabalha com uns cúmplices grosseiros como esse casal, nem que os Mestres de que ela tanto fala sejam invenção. Mas este artigo abalou a Sociedade Teosófica.

JORNALISTA HOMEM – Você vai escrever sobre isso?

JORNALISTA MULHER - Claro. Ainda mais agora que a Sociedade de Pesquisas Psíquicas, conhece?

JORNALISTA HOMEM – Nunca ouvi falar.

JORNALISTA MULHER – É uma associação inglesa seriíssima que resolveu investigar a Sociedade Teosófica. Acabam de mandar um representante para Índia, investigar as atividades de Madame Blavatsky.

A Jornalista Mulher espirra e saem de cena.

Helena entra pelo lado oposto e atravessa o palco com firmeza.

Olcott entra atrás dela.

Helena fica andando de um lado para o outro, cada vez mais furiosa.

OLCOTT – Sociedade de Pesquisa Psíquica.

BLAVATSKY – Eu sei. Eu estive com eles em Cambridge também, junto com você! Não acho que tenham autoridade para investigar o que eu faço.

OLCOTT – É uma entidade séria, de altos estudos. Investigam o espiritismo, todo tipo de fenômeno. Estão interessados em nós. Nos Mestres, em você!

BLAVATSKY – A Sociedade Teosófica também é uma entidade séria, Olcott! Por favor!

OLCOTT – Eu sei. É importante conseguir o reconhecimento científico da Europa, fora da Índia.

BLAVATSKY – Olcott, o ponto de partida deles é a desconfiança “científica” ocidental! Eles não têm o menor conhecimento dos Mestres! Os fenômenos, o ocultismo, são coisas exóticas, atrações de feira para eles! (*possessa*) O que você tinha de no meio da reunião, sem nenhum convite, levantar daquele jeito e fazer aquele discurso tão... tão... sem tato, para dizer o mínimo. Se expondo, expondo a mim, aos outros. Esses senhores da Sociedade de Pesquisas Psíquicas com a sua pompa de classe dominante britânica e vem o Coronel Henry Olcott fazer papel de idiota! Eu sei que foi por bondade, por devoção à nossa causa, mas você não pode sair proclamando a sua confiança cega nos Mestres...

OLCOTT – Cega, não.

BLAVATSKY (*mais brava*) – ... a sua confiança em mim...

OLCOTT – Eu tenho provas disso tudo, Jack, comprovações diárias...

BLAVASTKY (*mais brava ainda*) – Eu sei! Você tem! Você tem, mas eles não! Você não pode sair por aí exibindo a sua... simplicidade intelectual, Olcott. Não pode, não pode!!

OLCOTT – Por que não posso? É a verdade!

BLAVATSKY (*fora de si*) – Mas não do jeito que eles entendem! Eles querem provas!

OLCOTT – Pois então. Por isso querem investigar. Não temos nada a esconder. Que investiguem! É bom para nós.

BLAVATSKY – Mas logo agora? Logo agora?! Você não podia ter escolhido momento melhor, Olcott!! Todos os jornais da Índia dizendo que eu sou uma charlatã, que os meus fenômenos não passam de truques, em Madras, em Bombaim, em Calcutá, os muros das ruas cobertos com milhares de cartazes: A Queda de Madame Blavatsky! Descobertas Suas Fraudes!

OLCOTT – O que você quer que eu faça?

BLAVATSKY (*fora de si*) – Você não entende nada! Nada! Como pode acreditar na boa fé dessa gente?! Você pôs tudo a perder! Tudo! Nos fez parecer mais simplórios do que aqueles espíritas americanos! Todo o respeito que nós conseguimos foi por água abaixo. Eu estou doente, mas que cura, que saúde existem para mim? Tenho de voltar já para a Índia, para aquele clima fatal, úmido, quente. Não tem como evitar. Tenho de esclarecer essas calúnias para não prejudicar a Sociedade Teosófica.

OLCOTT (*tempo*) – Quer que eu me mate?

Helena vira vivamente o corpo para olhar para ele. E sai, furiosa.

As cortinas se abrem junto com a saída dela.

A lua cheia brilha entre farrapos de nuvens no luminoso céu tropical da Índia.

Um mar de plástico ondula, cintilante, tomando todo o palco.

Olcott atravessa o palco, pelo lado oposto entra Richard Hodgson.

É jovem, vestido com bom gosto, elegante sem excessos. Tem uma pasta de papéis na mão.

Cumprimentam-se.

OLCOTT – Hodgson, você foi bem recebido em nossa sede da Sociedade Teosófica em Adyar, teve acesso a todos os documentos, às instalações. Viu que não temos nada

a temer. Mesmo assim, se recusa terminantemente a mostrar essas cartas que os Coulomb deram a público. Não teme estar prejudicando uma pessoa inocente?

HODGSON – Os exames grafológicos confirmam que as cartas foram escritas por Madame Blavatsky.

OLCOTT – Então por que não mostra para ela? Ela merece a chance de se defender.

HODGSON – Era isso que o senhor queria falar comigo?

OLCOTT – Não, não era. Eu soube das declarações que você fez em um jantar de sociedade. A que vem agora essa acusação?

HODGSON – Qual?

OLCOTT – De que Helena Blavatsky é uma espiã russa!

HODGSON – Eu tenho provas disso, Coronel. E o senhor não devia colocar ainda mais em risco a sua reputação. Ao que tudo indica, Madame Blavatsky...

OLCOTT – Meu jovem, eu conheço Helena Blavatsky há muitos anos, e de outras vidas! Não preciso que me diga como agir.

Hodgson olha para ele um momento em silêncio, pensando.

Abre a pasta, tira uma folha de papel velho, dobrada e desdobrada dezenas de vezes.

HODGSON – Se quer ver cartas, coronel Olcott, posso mostrar esta aqui. Foi escrita por Madame Blavatsky sete anos atrás, em Nova York, para um homem chamado Hurrychund Chintamon, em Bombaim.

OLCOTT – Sei. Foi ele quem nos recebeu quando chegamos á Índia.

HODGSON - Eu fui até lá, conversar com ele. Ele me deu várias cartas. Esta... *(estende a carta)* eu acho, vai ser do seu interesse. Fala do senhor...

Olcott hesita, pega a carta, lê.

VOZ DE HELENA *(off)* - Não ligue para Olcott e para o que ele diz. Olcott faz o que eu quiser. Olcott eu convenço com um olhar.

Olcott controla sua reação, mas é evidente que todo o seu corpo enrijece de dor.

Trêmulo, devolve o papel a Hodgson.

O jovem sai.

Música.

Olcott desfaz a gravata, abre o colarinho.

Está profundamente perturbado emocionalmente.

Seu discurso é entrecortado, dolorido.

OLCOTT (*ofegante*) – Você quer que eu me mate... Uma frase, Helena... Jack querida!... Mulligan... uma frase escrita sete anos atrás é capaz de apagar uma parceria eterna?... esse homem... me causou o pior sofrimento mental da minha vida. Maldito seja! Mas foi você... que feriu meu coração... eu, seu amigo fiel... você me traiu... por vaidade... por você mesma... não! Pelo mundo. Não pelos Mahatmas, não pela Teosofia... pela opinião do mundo! Nada em minha vida me machucou tanto assim, minha amiga... Nem meu divórcio, o afastamento dos meus filhos, a mudança para a Índia, nada... nada... nada... Jamais pensei que de você, Lanu, parceira, minha parceira, mais que parceira, amiga!, irmã!, viria... ai... tanta, tanta... dor.

Enquanto fala, sem violência nos gestos, sem pressa, continua desabotoando e tirando a roupa.

Ao terminar o texto, está nu e entra nas cintilantes ondas do mar de plástico até ser engolido por elas.

A música cresce.

Diante de nossos olhos o mar de plástico se desmancha e desaparece.

O palco fica vazio um momento.

A música cessa.

VOZ DE OLCOTT (*off*) – Então, entendi que não trabalhava para o louvor dos homens, nem pela gratidão de Helena. Meu supremo dever era com os altos planos dos Mestres.

O palco explode num flash, como um raio sem som.

Brevíssimo black out para se ouvir a fala de Olcott abaixo:

OLCOTT – E houve paz.

A luz geral volta mortiça, amarelada.

Descem três grandes cortinas brancas, as bordas presas para cima, formando uma semi-tenda ao fundo, coando a luz da noite.

No silêncio, Isabel Cooper-Oakley entra empurrando a cama em que Madame Blavatsky está quase sentada, apoiada em muitas almofadas coloridas, coberta com colchas indianas de algodão estampado.

Isabel coloca a cama em um canto do palco.

Enquanto ela arranja as almofadas, do lado oposto do palco, entram Olcott, outro homem ocidental e um homem e uma mulher com roupas indianas.

Madame desperta, procura a mão de Isabel.

BLAVATSKY (*muito ofegante*) – Isabel... Sabe... faz uns vinte anos, perdi a fé na humanidade, nos indivíduos. Meu amor... pela humanidade... é coletivo. Meu trabalho... universal; não mais individual. Cada um de nós... é só... um pedaço de carvão... que traz dentro de si... o germe de um diamante. Alguns... você... você já é o diamante.

O braço de Helena cai pesadamente ao lado da cama.

Isabel se sobressalta.

Do outro lado do palco, Olcott também se sobressalta.

Música começa, quase totalmente imperceptível

Isabel curva-se sobre Madame Blavatsky, encosta o rosto em sua boca, para sentir sua respiração.

Olcott chega até a cama.

Os outros se aproximam também.

ISABEL – Acho que entrou em coma. Talvez...

Ela cai em prantos e vai aninhar o rosto no peito do homem ocidental.

A música domina agora.

Olcott pega o braço caído de Madame e arranja sobre a cama, passa uma mão delicadíssima em seu rosto.

Subitamente, no extremo oposto do palco, onde antes estavam os amigos, surge, do nada, completamente materializado, o Mestre Morya, cercado de luz.

Todos se voltam para olhar.

Olcott afasta-se da cama, todos recuam.

Morya atravessa rapidamente o palco até a cama de Madame Blavatsky, detém-se aos pés da cama, olha intensamente para ela, murmura palavras em língua senzar.

A música cresce, a luz aos poucos se intensifica em torno da cama, até ficar ofuscante.

Os acompanhantes, protegem os olhos da luz e recuam.

Morya estende um braço para Madame Blavatsky.

Ela abre os olhos, endireita o corpo na cama.

A luz, cegante, aumenta ainda mais ofuscando tudo.

E espouca num flash nos olhos da platéia.

Súbito black-out que dura um segundo.

Lentamente a luz se acende, como a visão que volta depois de olhar o sol.

Morya desapareceu.

Os acompanhantes se aproximam.

Perfeitamente restaurada, Madame Blavatsky estende as mãos para Olcott.

Ele pega as mãos dela, ela faz um carinho no rosto dele.

BLAVATSKY – Meu amigo, parceiro querido. Ouça. Meu Mestre me deu duas opções: morrer em paz e acabar com o martírio desta vida, ou viver mais alguns anos para escrever um livro. Olcott, tenho de renunciar ao meu cargo na Sociedade Teosófica. Vou ficar quieta. Posso fazer muito mais na sombra, longe dos olhos do mundo. Você continua liderando tudo. Eu vou me esconder em algum lugar desconhecido e escrever, escrever e escrever. E ensinar a quem quiser aprender. Já que o Mestre me forçou a viver, que agora eu viva e morra em relativa paz.

Música.

TERCEIRO ATO

Ajudada por Olcott e Isabel, Madame Blavatsky levanta-se da cama com dificuldade.

O marido de Isabel remove a cama e sai de cena.

Isabel e Olcott entregam Madame aos braços do casal indiano e ficam olhando.

O casal ampara os primeiros passos de Madame.

Aos poucos, ela se solta deles.

Saem todos.

As cortinas sobem, desaparecem.

Madame atravessa o palco sozinha, caminhando com a dificuldade das pessoas muito gordas e doentes.

Enquanto faz a sacrificada travessia num corredor de luz próximo à boca de cena, acende-se a projeção.

Banhado em luz dourada e mágica, um grande livro, muito antigo, encadernado em couro, com figuras e letras gravadas na capa.

A capa se abre sozinha, as páginas vão virando lentamente.

Madame chega ao extremo oposto do palco.

Ao fundo, abriu-se um biombo de muitos corpos, e diante dele a mesa de trabalho, com um grande tinteiro de prata e vidro, um recipiente com muitas canetas espetadas, e muitas pilhas de papel em branco e papel escrito. Nenhum livro.

Madame se senta, pega a caneta, suspende o gesto no ar e fica olhando fixamente um ponto à sua frente, numa espécie de transe, muito intensa.

Na projeção, o livro está aberto em uma página de pergaminho coberto por uma caligrafia miúda e ornada, porém legível.

O texto, em latim, aparece invertido, como os escritos de Leonardo da Vinci, como se o livro estivesse refletido em um espelho.

A luz muda.

A Condessa Constance Wachtmeister entra animada, como alguém que está no meio de uma atividade, com muitas cartas na mão, uma delas aberta.

CONSTANCE– É da Biblioteca do Vaticano. A citação que...

Ao perceber o estado suspenso de Madame Blavatsky ela se detém, cala-se e fica observando, muito atenta e interessada, imóvel.

Madame fica ainda um instante absolutamente concentrada.

Depois começa a mexer os lábios, terminando a leitura do texto que vemos na projeção.

A projeção se apaga repentinamente.

Madame tem um arrepio e se põe a escrever com muita velocidade.

Constance se aproxima da mesa, pousa as cartas e espera.

Madame Blavatsky termina a escrita, joga longe a caneta, geme, esfrega o rosto.

CONSTANCE– Quer um chá?

BLAVATSKY – Depois, depois. O que foi isso que chegou?

CONSTANCE– Essa última citação que pedi para meu amigo de Oxford conferir.

BLAVATSKY – Sei.

CONSTANCE– O original está na Biblioteca do Vaticano, imagine! Meu amigo pediu diretamente a eles e o cardeal (*procura o nome no envelope*) ... cardeal Giarolli respondeu com isto aqui (*lê*): “Caro signore, consultando i nostri archivi abbiamo trovato il volume richiesto e il testo indicato. Si trova alla pagina 321 e non alla pagina 123 come indicato . La citazione é abbastanza esatta, meno due parole che sono praticamente illeggibili nel testo originale. Accludo le informazioni che si riferiscono alla localizzazione e all’identificação del volume. Dobbiamo però manifestare la nostra perplessità davanti a questa richiesta insolita, dato trattarsi di un volume antichissimo e muito raro che, secondo ci consta, é l’unico esemplare existente al mondo, e che gli stessi funzionari della Biblioteca non possono consultare liberamente.”

BLAVATSKY – Você ficou curiosa...

CONSTANCE– Fiquei. Você tem tão poucos livros aqui...

BLAVATSKY – (*breve riso*) Não preciso do livro concreto. Quando o Mestre me dita uma idéia e indica um livro, eu formo um vácuo na minha frente, e esteja o livro onde estiver, enxergo a página que preciso refletida na luz astral. O problema é esse, Constance: tudo refletido. Por isso eu me atrapalho tanto com os números. (*riem ambas*)

CONSTANCE– Bendito problema...

BLAVATSKY – É. Mas a erudição é deles, não minha. Eu ainda preciso viver muitas vidas para saber tudo isso que estou escrevendo. Sou só o veículo, Constance, uma... “casca”. Me dê isso aqui.

CONSTANCE– Pode deixar que eu faço a correção. Para isso estou aqui.

BLAVATSKY – Quando eu podia imaginar que ia ter uma condessa de secretária!...

CONSTANCE– Tem aqui uma outra coisa que acho que você não vai gostar. Da Sociedade de Pesquisas Psíquicas da Grã Bretanha.

Relutante, a Condessa Constance estende a ela um envelope grosso.

Madame abre rapidamente, folheia o conteúdo e lê.

A luz baixa em torno dela, acende-se um foco no extremo oposto do palco, iluminando Richard Hodgson, que fala para a platéia.

HODGSON – As cartas apresentadas por Alex e Emma Coulomb, ex-funcionários da Sociedade Teosófica, provam que Madame Blavatsky dedicou-se à produção de uma variada e longa série de fenômenos fraudulentos...

A comparação das caligrafias demonstra que os Mestres Kut Humi Lal Sing e Morya são personagens fictícios, e que quase todos os documentos... foram escritos pela própria Madame Blavatsky;

Nenhum fenômeno submetido à minha investigação na Índia, pode ser considerado genuíno...

O que terá levado Madame Blavatsky a viver tantos anos trabalhosos nesse fantástico esforço de impostura?

Será a Sociedade Teosófica apenas manifestação da monomania de uma mulher estranha, impulsiva, apaixonada, anticonvencional...?

Madame Blavatsky constitui um raro caso para estudo psicológico, quase tão raro quanto os seus Mahatmas.

O sórdido motivo do ganho pecuniário seria solução ainda menos satisfatória do que a mania religiosa.

Pode-se falar com mais solidez de um mórbido desejo de notoriedade...

Por fim, uma conversa fortuita abriu-me os olhos. Eu havia descartado a idéia, corrente na Índia há algum tempo, de que os objetivos da Sociedade Teosófica eram políticos e que Madame Blavatsky era uma espiã russa...

A luz se apaga sobre Hodgson, sobe na sala de Madame.

Ela dá um grito furioso e atira longe as folhas do relatório que tinha nas mãos.

BLAVATSKY (*possessa*) – Maldito! Filho de uma cadela! Eu sabia que tinha de processar esse desgraçado e todos os cretinos dos missionários que publicaram calúnias contra mim nos jornais da Índia! Cães! Imundos! Bípedes semiconscientes! (*quase sem fôlego, apóia-se na mesa*) Maldito Olcott também! Que não me deixou limpar a minha honra na justiça oficial! (*imita Olcott*) “Não somos donos de nós. Pertencemos à Sociedade Teosófica!” (*respira*) Uma pinóia que eu não me pertencço!!! Pertencço, sim! E pertencço à Sociedade Teosófica também! Tudo junto! Ao mesmo tempo! Por que não? Por que não? (*vai recuperando o controle*) Eu sabia! Sabia! A culpa é minha, só minha, este paquiderme metafísico que não serve para nada, para nada (*cala-se, respirando forte*)...

CONSTANCE - (*tempo, com a mesma inflexão do início da cena*) – Quer um chá?

Madame olha para ela, hesita um instante para resolver se o humor é voluntário ou não, e riem ambas.

Madame bate a mão na mesa, como quem encerra momentaneamente um assunto.

E com extrema dificuldade, muito mais lenta que na travessia anterior, desloca-se até o extremo oposto do palco, onde está o piano.

É nítido o declínio físico de Madame Blavatsky.

Constance fica olhando, penalizada, sabendo que não deve ajudar.

BLAVATSKY (*caminhando, ofegante*) - Quando se fere *um* homem... se fere a humanidade inteira... Até a ciência materialista sabe:... a menor machucadura... afeta o desenvolvimento da planta... Um corte no dedo não dói só no dedo... faz o corpo todo sofrer... Um golpe na honra então... Carma. É isso a lei do Carma.

Senta-se ao piano e sem qualquer preparação ataca com vigor e brilhantismo o lied Erlkönig de Franz Schubert, em transcrição para piano de Franz Lizst.

Constance abre uma das extremidades do bimbo, como se fosse uma porta.

Sai brevemente e volta antes de Madame terminar a fala abaixo, empurrando uma poltrona confortável montada sobre rodinhas, cheia de almofadas.

BLAVATSKY (*sem parar de tocar*) - Quando chegamos à Índia em 1879 não havia nenhuma unidade entre raças e seitas, entre islamismo, jainismo, budismo... Dez anos depois... cento e vinte e cinco lojas da Sociedade Teosófica só na Índia! (*toca um momento sem falar*) Antes das convenções anuais da Sociedade Teosófica, nunca se tinha visto na Índia essa mistura de raças, de castas e seitas. Nunca! (*toca um momento sem falar*) Ingleses que moravam lá há dezoito, vinte anos, nunca tinham conversado com um indiano, além dos criados, claro (*bate com força dissonante nas teclas do piano, cortando ruidosamente a música, bate a tampa*) Não é obra de impostora, *merde*, de charlatã!

Constance atravessa o palco na direção dela.

Madame gira com esforço no banquinho.

Constance dá-lhe apoio.

Pesadamente amparada na amiga, atravessam o palco, até a poltrona.

É evidente que Madame Blavatsky não consegue mais andar sozinha.

CONSTANCE (*enquanto caminham*) – Nesse curto tempo que estou aqui, choveram ataques de todos os lados. Como uma pessoa como você pode ter tantos inimigos? Eu vou

dizer uma coisa e você não vai zangar comigo: acho que você deixa a língua solta e vive ferindo as pessoas, sem intenção, claro, só porque nunca pensa nas conseqüências.

Constance ajuda Madame a se acomodar na poltrona, de onde não vai mais se levantar.

CONSTANCE – Anna Kingsford já chegou.

Anna entra pela extremidade do biombo que está aberta.

Já vem falando enquanto caminha com energia até Madame.

Trocam beijinhos.

Entrega para Constance um envelope que tem na mão.

Depois, tira as luvas e a capa e entrega a Constance como se a Condessa fosse uma criada.

Ao longo da cena, Constance abre o envelope e lê para si mesma a folha escrita.

ANNA K - Três razões me levaram a aceitar seu convite para ficar aqui e não no hotel: primeiro, não quero ferir ainda mais uma companheira que já está passando por um momento tão difícil. Segundo, porque gostaria de ter o seu apoio para a luta contra a vivissecção de animais. E, terceiro, a sua promessa de um encontro com o Mahatma Kut Humi.

BLAVATSKY – E nós temos uma boa razão para ter feito o convite. *(começa a colocar as cartas de um jogo de paciência sobre a mesa)* O que chamou a atenção do Mestre para você foi justamente a sua dedicação à causa dos animais. O Grande Chohan era a seu favor, quando todo mundo, inclusive eu, era contra. Quando fui a Londres, eu tinha mesmo um preconceito contra você e foi o Mestre que me forçou a cumprir o meu dever. Agora, nós queremos fazer uma proposta.

Tempo.

Anna Kingsford empina o corpo, desconfiada.

O resto do diálogo todo é de frases e silêncios, Madame e Anna crescendo como duas gigantes, sem tirar os olhos uma da outra, um duelo de titãs.

BLAVATSKY - Gostaria que você voltasse para a Sociedade Teosófica. *(tempo)*

Como presidente da nova loja aberta em Londres. *(tempo)*

Toda essa celeuma é contra mim pessoalmente, e não posso deixar que afete a Sociedade. *(tempo)*

Com você à frente, podemos desarmar essa oposição e criar uma filosofia realmente universal, reconhecida e respeitada por todo mundo. *(tempo)*

Eu renuncio em seu favor e ajudo apenas com meus conhecimentos.

(longo tempo)

Porque você pode ser mais inteligente do que eu, mas eu sei mais do que você. *(ri)*

ANNA K *(não percebe, ou não aceita o humor; pensa mais um instante, olhando as duas mulheres com desconfiança)* – Eu admiro muito a energia que sempre marcou a Sociedade Teosófica, mas... seria suicídio me ligar a você. Eu tenho a minha obra pessoal, que é anterior e independente da Sociedade Teosófica. Não foi você que me fez, Helena Blavatsky. Eu tracei o meu próprio caminho, tão válido e com tanto direito de existir quanto o seu. Você não tem o monopólio do pensamento esotérico.

BLAVATSKY – Não tenho mesmo. Tudo o que eu digo vem dos Mestres.

ANNA K – *(irônica)* Que só se manifestam através de você.

BLAVATSKY – Não é verdade! Os Mahatmas escrevem cartas para muita gente...

ANNA K – É precisa ser muito ingênuo para acreditar em cartas que despencam do teto, que “aparecem” dentro de um bolso, de um livro, de uma gaveta...

CONSTANCE – Eu sabia!

BLAVATSKY – Você também.

ANNA K – Não, eu não estou contra você. Não posso acreditar nessa conspiração grosseira dos seus ex-funcionários na Índia. E acho revoltante esse relatório da Sociedade de Pesquisa Psíquica, obra de acadêmicos que separam razão e religião. Mas também não quero me submeter a você...

BLAVATSKY *(cortando)* – Eu não quero submeter ninguém! Só os fracos se submetem. E você não tem nada de fraca, Anna Kingsford!

ANNA K – Nem você, Helena Blavatsky! Você não se submete a ninguém. E por isso não acredito na sua devoção aos Mestres...

BLAVATSKY – Os Mahatmas não são iguais a você ou a mim! São infinitamente superiores a...

ANNA K – Isso eu não discuto! Acredito que eles existam de fato! O que não posso admitir é que você seja a única porta-voz do pensamento deles.

BLAVATSKY – Quem disse isso?

ANNA K – Não precisa dizer. É assim que você age. Não acredito que os Mestres queiram impor um caminho único para a vida espiritual do ocidente. E que esse caminho seja o das religiões orientais. Isso é limitação sua, não deles.

BLAVATSKY – Seja! Que seja! Por que então você não aceita se juntar a nós? Vamos somar os nossos esforços na Sociedade Teosófica.

ANNA K (*tempo; pensa um longo instante, sem desviar os olhos de Madame Blavatsky*) -
Nossos objetivos são opostos: a minha meta é restaurar o cristianismo, a de vocês é subverter o próprio cristianismo.

BLAVATSKY (*olha para ela um longo tempo*) – É uma pena.

CONSTANCE (*fazendo menção de sair*) – Eu vou servir um chá.

ANNA K – Não, não precisa. Eu já estou de saída. Não posso concordar com o método que vocês usaram para me convencer: está mais do que claro que foi só por isso que me convidaram para ficar aqui. Não sei com que tipo de gente você está acostumada a lidar, Helena Blavatsky, mas não é assim tão fácil me conquistar.

Levanta-se, a Condessa já lhe estende a capa e as luvas que ainda tem nas mãos.

ANNA K - E não adianta mandar os espíritos que ainda infestam vocês duas para me dar pesadelos de noite, por mais que você chame esses espíritos de Mahatmas. Jamais direi uma palavra contra você, mas você não vai me enfeitiçar nunca com esses olhares intensos!

Sai depressa, bate o biombo.

Constance dá alguns passos na mesma direção.

E retorna devagar, sacudindo o envelope aberto e a folha escrita que tem nas mãos.

CONSTANCE – Sabe o que é isto aqui? Uma lista das necessidades de dona Anna Kingsford para se hospedar conosco. A primeira de todas é que toda refeição tivesse algum prato de carne. Vermelha.

Madame Blavatsky ri baixo.

Constance vai indo na direção da saída de novo.

CONSTANCE - Não tenho nada contra uma pessoa comer carne. Para alguns é até necessário, mas gosto daquele velho ditado que diz: “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço.” (*torna a abrir o biombo*) A grande vegetariana!

BLAVATSKY – Ela está doente, coitada, tem de se alimentar bem.

CONSTANCE – Hum! Sei. Chá? (*sorriem ambas, Constance sai*)

Música.

Entram em cena, dois jovens ingleses, rápidos, cheios de energia, carregando pilhas de livros que vão espalhando pelo chão.

Constance volta com uma grande bandeja com o bule e as xícaras para todos, pousa sobre a mesa.

Bertram levanta alto um livro para Madame.

BLAVATSKY – Ah! Nosso livro finalmente ficou pronto!

ARCHIBALD – Nosso...

CONSTANCE - (*para Madame*) – Modéstia sua!

BLAVATSKY – Não! Desse mal eu não sofro! É obra nossa, sim. Foram estes dois meninos que organizaram o meu caos.

Os dois a acomodam na grande poltrona sobre rodas que Constance trouxe para o palco e sobre a qual ajeita almofadas.

Madame não vai mais se levantar daí.

BLAVATSKY - Eu jamais teria pensado em reunir os capítulos por temas e fazer dois volumes com esses títulos elegantíssimos: *Cosmogênese* e *Antropogênese*. O cosmos e o homem. Tão simples! Tão claro! Por mim, teria ficado só *A Doutrina Secreta* e pronto, o leitor que se virasse para encontrar o rumo no labirinto da minha escrita. (*Constance ajeita-lhe as almofadas*) E você, Constance, além de amiga indispensável, uma secretária perfeita. Tantas cópias, tanta pesquisa, tantas cartas...

Um dos jovens entrega-lhe um exemplar.

Ela arrebatou o livro das mãos dele, curiosa, animada, contente.

Abre o volume, alisa a página, cheira ruidosamente a dobra interna entre as páginas.

BLAVATSKY - E o pobre Olcott, lendo tudo à distância, corrigindo, questionando. É *nosso* livro, sim, de todos nós. Tanta gente colaborou...

BERTRAM (*gozador*) – E os Mestres?...

BLAVATSKY – O que tem os meus Mestres? Veja lá como fala! Eles é que são os autores. Eu não tenho nada com isso. Escrevi *porque* eles mandaram, *o que* mandaram, *quando* mandaram.

CONSTANCE – Tá bom, Helena, você pode ser só o “veículo”...

BLAVATSKY – Isso!

CONSTANCE - - ...o “instrumento”...

BLAVATSKY – Isso!

CONSTANCE - ... a “sombra”...

BLAVATSKY – Isso mesmo!

CONSTANCE - ... mas se não fosse você o livro não existia.

BLAVATSKY – Isso é verdade! Pronto! Assumo a autoria! (*manipula carinhosa e possessivamente o livro, torna a cheirar o interior*) Jamais imaginei que eu fosse ser escritora um dia. Minha mãe era escritora, minha avó publicava os estudos de botânica que fazia, minha irmã Vera escreveu sobre a nossa infância. E eu... Dois livros publicados!... É muito? É pouco?

ARCHIBALD (*lendo um exemplar do livro*) – “O átomo é elástico, portanto o átomo é divisível, e deve consistir de partículas, ou sub-átomos. É sobre a idéia da infinita divisibilidade do átomo e da natureza ilusória da matéria que se constrói toda a ciência do ocultismo.”

BERTRAM (*com outro exemplar na mão, lendo*)– “E para o ocultista, aquele que quer descobrir os segredos da natureza, tem de superar as limitações dos sentidos e focalizar a consciência nas causas primárias. Para isso, é preciso desenvolver faculdades que estão adormecidas no ser humano atual.”

ARCHIBALD - “O objetivo deste livro é mostrar que a Natureza não é ‘uma junção fortuita de átomos’ e colocar o homem em seu devido lugar no esquema do Universo;

BERTRAM – “é resgatar da degradação as verdades arcaicas que são a base de todas as religiões;

ARCHIBALD – “é mostrar que o lado oculto da Natureza não é abordado pela ciência moderna.

BLAVATSKY – “Este livro foi escrito a serviço da humanidade, e será julgado pelas futuras gerações. Sua autora não reconhece nenhum outro tribunal: ao insulto já está

acostumada, com a calúnia convive dia a dia, e diante da difamação apenas sorri com desdém.”

CONSTANCE – “*De minimis non curat lex.*”

BERTRAM e ARCHIBALD (*mais ou menos juntos*) - Londres, outubro de 1888.

Todos aplaudem, inclusive Madame Blavatsky.

BERTRAM – Vamos brindar! (*tempo*) Desculpe, Madame, esqueci que não toma álcool.

Breve tempo.

CONSTANCE – Vamos tomar o chá?

Ela e Madame se entreolham um breve instante. E caem na risada.

Os dois rapazes não entendem nada.

Constance serve o chá.

Toca a campainha. Bertram salta, ligeiro, e sai de cena.

Retorna imediatamente com uma mulher grisalha, jovem e bonita, extremamente elegante.

BERTRAM - Madame Blavatsky? Annie Besant.

Um momento de expectativa: Madame Blavatsky olha intensamente para ela, em silêncio.

Em seguida estende um braço, aberta, receptiva.

BLAVATSKY – Queria muito conhecer você!

Besant parece lutar consigo mesma para dar os dois passos que a separam de Madame.

Estende o braço, pega a mão dela.

As duas se olham um momento em silêncio.

Os dois jovens se entreolham, percebem que estão demais, se entendem com pequenos gestos entre si e saem de cena.

Constance Wahctmeister fica, reservada como se fizesse parte da mobília, mas presente.

ANNIE – Eu sempre fui materialista. Você deve saber da minha atividade política, com os sindicatos, com a mulher trabalhadora, com a mulher do trabalhador.

BLAVATSKY – Sei.

ANNIE - Sabe que estive presa com meu companheiro por defender a liberdade.

BLAVATSKY – Sei.

ANNIE - Apesar da minha luta, comecei a sentir que era preciso alguma coisa mais para curar a doença social. O socialismo é bom do ponto de vista econômico, mas onde encontrar inspiração para a fraternidade entre os homens? Eu... Procurei outras coisas: a psicologia, o espiritismo. (*tempo*)

BLAVATSKY – Sei.

ANNIE - Quando o editor me pediu para fazer a resenha d'*A doutrina secreta*, eu... (*tempo*)
Até esse momento, eu desprezava tudo o que ouvia sobre teosofia. Quando terminei de ler seu livro, descobri... que... não era mais materialista.

BLAVATSKY – Sei.

ANNIE - Quero entrar para a Sociedade Teosófica.

BLAVATSKY – Sei. (*longo tempo, examinando intensamente o rosto de Annie*) Você leu o relatório da Sociedade de Pesquisas Psíquicas a meu respeito?

ANNIE - Não.

Constance já está, silenciosamente, se encaminhando para a mesa.

BLAVATSKY – Constance... (*Constance lhe traz o envelope com o Relatório, ela entrega para Annie*) Leia, pense e, se continuar acreditando, volte aqui.

Annie pega o envelope da mão de Madame, vai se ajoelhar diante dela, mas contém-se e fica sem saber o que fazer, evidentemente seduzida pela força de Madame Blavatsky, porém sem perder a consciência.

Depois de um momento desse suspense, Madame abre os braços.

Annie se ajoelha e abraça Madame.

Levanta-se e sai depressa, sem se despedir de ninguém.

Constance empurra lentamente a poltrona de Madame Blavatsky até a mesa.

CONSTANCE – Sabe quem ela é?

BLAVATSKY – Sei.

CONSTANCE – George Bernard Shaw acha que ela é a maior oradora do século.

BLAVATSKY – Vai ser muito mais do que isso.

CONSTANCE – Acha que ela volta?

BLAVATSKY – Volta.

CONSTANCE – É mais corajosa do que eu imaginava. Esse materialismo dela é revolta contra a criação cristã muito rígida que teve. Ela rompeu um casamento infeliz com um pastor, e foi viver com Charles Bradlaugh, o ativista político. Juntos, publicaram *O evangelho do ateísmo*. Essa guerra dela com o mundo é...

BLAVATSKY – Não gosta dela?

CONSTANCE – Gosto! Muito! Tanto quanto você.

BLAVATSKY – Quem falou que eu gostei?!

CONSTANCE (*ri*) – Não precisa falar.

Constance acendeu o candeeiro, afastou pilhas de papel, de livros e Madame começou a jogar uma paciência, enquanto conversam.

CONSTANCE – Deve ter uma guerra dentro dela também. Ela sabe o olhar que vai ver nos olhos do companheiro quando contar que virou teosofista. Vai ser renegada no meio dela.

A luz se incendeia em torno de Madame e fica muito branca e brilhante, pontuada por flashes cegantes.

Música.

Helena Blavatsky ergue o corpo na cadeira, muito ereta olhando ao longe.

Constance protege o rosto com o braço.

Atrás de Madame, surge o Mestre Morya que estende os braços sobre sua cabeça.

MESTRE - Escute.

Já ouviu o que foi dito.

Está iluminado, escolha o caminho.

Olhe a suave luz que inunda o céu oriental.

Céu e terra se juntam num gesto de louvor.

O fogo que brilha, a água que corre,

a terra perfumada, o vento que sopra.

Escute!

A voz do silêncio de toda a natureza:

saúdo ao homem deste mundo.

Um peregrino regressou da outra margem.

Nasceu um novo salvador.

Paz a todos os seres.

Súbito black-out que dura poucos momentos.

A luz volta a acender-se aos poucos, como se os olhos se acostumassem de novo ao dia.

Morya desapareceu.

Blavatsky volta a si, como alguém que se recupera depois de um afogamento.

BLAVATSKY – Constance, você viu?

CONSTANCE – Vi.

BLAVATSKY – Tenho de abrir uma seção esotérica na Sociedade Teosófica, Constance!

Servir de porta voz para o Mestre, trazer para o ocidente as verdades ocultas. E colocar na senda os que tiverem os olhos já abertos. Doze *chelas*, seis homens, seis mulheres. Você vem comigo?

CONSTANCE – Claro.

Música.

Mudança de luz.

Na penumbra do contraluz, Constance e Isabel Cooper-Oakley arrumam doze cadeiras num semi-círculo em torno de Madame Blavatsky, seis de um lado, seis de outro.

Entra Annie Besant, estaca no centro do círculo.

Luz.

Constance e Isabel interrompem o gesto, todas olham para ela.

ANNIE – Eu li o relatório da Sociedade de Pesquisa Psíquica e acho superficial, pouco rigoroso. Não me convence. (*breve tempo*) Quero saber se me aceita como aluna e me dá a honra de anunciar publicamente que é minha mestra.

BLAVATSKY (*muito emocionada*) – Aceito. Não só como aluna, como companheira de luta. (*ri, estimulada*) Ai! A minha guerra contra os materialistas e ateus vai ficar pior do que nunca! Todos os livre-pensadores e liberais vão pegar em armas contra mim e dizer que enfeiticei a sua querida Annie Besant. Não importa. (*estende as mãos para Annie e a puxa para si*) Neste círculo esotérico, vamos tentar definir um caminho novo para o Homem do ocidente.

ANNIE – Escute: eu não sei nada de religião.

CONSTANCE – Mas sabe do ser humano.

ISABEL – Sabe que existem religiões masculinas e femininas.

ANNIE – Acho... que sei.

ISABEL – Que os povos de deuses masculinos cultivam a valentia, a força, a guerra. Como nós no ocidente racionalista, materialista.

ANNIE – É o que eu penso: que a nossa sociedade despreza a mulher.

BLAVATSKY – Isso.

CONSTANCE – E sabe que os povos de culto feminino em geral pregam a igualdade dos sexos, a compaixão, a adaptação ao meio.

BLAVATSKY – O equilíbrio entre essas duas tendências pode criar uma sociedade mais harmoniosa, onde os seres humanos sejam mais plenos, mais felizes.

ANNIE – Com a emancipação da mulher. É só para isso que eu tenho trabalhado!

CONSTANCE – No mundo ocidental, isso só pode acontecer minando o poder do “deus masculino” dos judeus, dos cristãos e muçulmanos.

ANNIE – Entendi. Por isso é importante introduzir aqui as tradições budistas, hinduístas, orientais! (*ri, animada*) Então... é um complô feminino contra as bases da civilização ocidental!

BLAVATSKY (*ri*) – Isso!

Madame repentinamente muda de intensidade, fixando com muita atenção o rosto de Annie Besant, e entra em outro assunto, delicado e difícil.

BLAVATSKY (*atenta e intensa*) - Por outro lado, o instinto sexual no ser humano hoje é muito maior e mais constante do que em qualquer outro animal. Esse aumento é resultado do elemento intelectual, da idéia individualista de que todos os apetites têm de ser saciados. O sexo passa a ser uma demanda contínua que vai muito além da natureza. Enquanto a paixão sexual tem de ser treinada, aprimorada, para servir de instrumento para o progresso humano. O sexo é um instinto que no ser humano não pode controlar, tem de ser controlado.

BESANT (*entendendo devagar*) – Mas então... Então... Eu não estou entendendo. Estou... completamente errada. O que eu mais defendo é justamente o direito da mulher casada não ter filhos. Fizemos palestras... e os jovens casais saíam com caras iluminadas ao entender que o amor físico não era proibido... Publicamos um panfleto: *Frutos da filosofia: O conselheiro dos jovens casais*... Eu e meu companheiro fomos condenados por obscenidade por essa nossa causa. Eu perdi a custódia da minha filha. (*controlando as lágrimas*) E tudo isso é... um equívoco?...

Eu acredito de fato que as trabalhadoras pobres não podem aumentar a família!
Acredito!

BLAVATSKY – Annie, não é seu fim o problema. São os meios. Estamos vivendo tempos puritanos, que podem ser as vésperas de uma liberação indiscriminada. Tenho de te dizer uma coisa: os Mestres não estão do seu lado nessa cruzada sua.

ANNIE – Não? (*numa súbita e contida explosão*) E o que eles sabem da vida de uma mulher operária em Londres?

BLAVATSKY (*olhando intensamente para Annie*) – Eles... sabem.

ANNIE - Desculpe. Eu... não duvido. Se você me diz, eu não duvido.

BLAVATSKY – Annie, não quero a sua fé. Cega.

ANNIE - Não é fé! Quando li *A doutrina secreta*, a minha cabeça saltava para conclusões, tantos fatos desconexos pareciam fazer parte de um todo imenso. Achei que todas as minhas dúvidas tinham desaparecido. Mas eu estava cega pela luz. O efeito era uma ilusão. Aos poucos, o cérebro teve de ir assimilando o que a intuição captou como verdade. Não me importa se quem escreveu aquilo foi você ou os Mestres. Eu... acredito. Porque faz sentido dentro de mim.

BLAVATSKY – Annie... Tenho de pedir para você se afastar dessa campanha pelas trabalhadoras. Ou não posso te aceitar em nossa seção esotérica.

ANNIE – Eu sei. (*longo tempo, as três mulheres a observam atentas*) Faz idéia do que está me pedindo?

BLAVATSKY – Faça.

ANNIE – Encontrar aquelas mulheres e dizer que eu estava errada vai ser a coisa mais difícil da minha vida...

Tempo.

CONSTANCE – Você vai fazer isso?

ANNIE (*tempo*) – Vou.

BLAVATSKY (*com lágrimas nos olhos, estende as mãos para ela*) – Annie Besant, você é uma mulher valente. Meu Mestre te abençoa.

Com esforço levanta os braços e segura seu rosto com ambas as mãos, olhando intensamente para ela. enxergando o futuro.

Annie chora, altiva.

BLAVATSKY – Vou te dizer a mesma coisa que meu Mestre me disse, muito tempo atrás:
seu destino... está na Índia. Não sei dizer como, mas você vai lutar pela liberdade da Índia. Por isso vai ser ofendida, acusada, presa, vai sofrer...

ANNIE – Estou acostumada... (*triste sorriso*)

BLAVATSKY – Vejo um... Congresso... Nacional... Indiano... multidões... não-violência... não-violência... um homem... pequeno e gigante.

Na porta, surge um jovem magro, evidentemente oriental, muito formal nas roupas ocidentais.

Todos olham para ele.

Bertram salta em sua direção.

BERTRAM – Mohandas!

MOHANDAS – Desculpe, parece que cheguei numa hora inconveniente.

BERTRAM (*hesitante*) – Não, não... Seja bem vindo. (*olha para Madame*) Madame...

Um breve tempo de suspense.

Madame estende a mão.

BLAVATSKY – Helena Blavatsky.

MOHANDAS (*adianta-se, aperta a mão dela*) – Mohandas Karamchand Gandhi.

Longa pausa, extremamente incômoda. Todos observam o recém-chegado.

Annie muito fascinada.

MOHANDAS (*tímido e falante*) – Eu peço que desculpem a minha interrupção, eles me convidaram (*indica os dois rapazes*). Não sei o que eles disseram a meu respeito, mas sou um indiano muito indigno, infiel às minhas tradições, nunca tinha lido o *Baghavad Gita*, e só pela mão desses dois amigos foi que comecei a ver a minha própria cultura sem os preconceitos ingleses.

Mais um longo silêncio.

Madame Blavatsky está evidentemente em contato com o Astral.

Annie intensamente interessada no jovem.

MOHANDAS (*mais tímido, mais sedutor*) - Mas desculpem, eu não quero interromper, com minha total ignorância sobre a minha própria religião, não tenho o direito de participar, e muito menos interromper, uma reunião de vocês. Com licença. (*recua um passo, detém-se*) Eu só queria dizer que li o seu livro, Madame, por indicação deles, e devo confessar que *A doutrina secreta* eliminou o preconceito que os missionários tinham conseguido infundir em mim de que o hinduísmo não passa de superstição. Só por isso, serei eternamente grato à senhora.

BLAVATSKY (*com grande intensidade, pronunciando uma lição*) – Escute, rapaz. E lembre.

Palavras do meu Mestre:

na verdadeira filosofia, toda ação física tem seu efeito moral e duradouro. Machuque o corpo de um homem: você pode achar que a sua dor e o seu sofrimento não se espalham para os vizinhos, muito menos para todos os homens de todas as nações.

Nós dizemos que se espalha, sim, a seu tempo.

Por isso, a menos que todos os homens passem a entender e aceitar como verdade que ao ofender um homem, ofendemos não apenas a nós mesmos, mas a toda a humanidade a longo prazo, nenhum sentimento de fraternidade será possível nesta terra.

Durante um longo momento silencioso, Gandhi e Madame se olham nos olhos.

Por fim, ele avança, toma a mão dela e beija.

Música.

A luz vai se apagando lentamente das bordas para o centro, todos recuam para o escuro.

Resta apenas um foco vertical muito claro sobre Madame Blavatsky.

Suavemente, ela vai fenecendo, como uma flor.

A luz do foco vai murchando com ela até se dissolver numa penumbra amarelada, mortiça.

EPÍLOGO

Madame está reclinada em muitas almofadas na sua grande poltrona.

Os dois jovens ingleses ajoelhados sentados no chão diante dela, segurando suas mãos.

De pé, Isabel Cooper-Oakley abraça o encosto da poltrona dando apoio a sua cabeça.

Tempo de música.

MADAME (*expira e diz, muito ofegante, quase sussurrando*) – Basta... Já basta... (*os acompanhantes se inclinam para ela, ela quase sorri*) Não, não. Não fiquem tristes. Estão sendo muito bons com esta velha que não acaba nunca. (*tosse um pouco*). Eu já cumpri meu papel no palco desta vida. (*respira fundo*) Cada vida nossa é uma récita no palco deste mundo. Fazemos... primeiro, espíritos da natureza, um Puck, Ariel, depois... somos figurante, soldado, criado, membro do coro, até os “papéis com fala”, até ser Hamlet... (*respira fundo, exala prolongadamente*) ah, eu fui Macbeth, fui Shylock, depois fui Julieta e fui Romeu, fui rei... Lear... acho que posso agora deixar o palco... como Prospero, o mago. (*ri, tosse baixo*)

No fundo, à direita, um foco se acende, revelando Richard Hodgson.

Ele olha na direção de Madame Blavatsky.

Madame Blavatsky gira ligeiramente a cabeça, sentindo a sua presença muito distante.

Os outros não se dão conta, continuam atentos a ela.

HODGSON - De nossa parte, não a consideramos nem a porta-voz de videntes ocultos, nem uma simples aventureira vulgar. Achamos que Madame Helena Petrovna Blavatsky conquistou um título: a mais perfeita, engenhosa, interessante charlatã e impostora da história.

O foco de Hodgson se apaga.

No fundo, à esquerda, um foco se acende, revelando Olcott.

Ele olha na direção de Madame Blavatsky.

Madame Blavatsky gira ligeiramente a cabeça, sentindo a sua presença muito distante.

Os outros não se dão conta, continuam atentos a ela.

OLCOTT – Onde existiu no mundo um outro ser humano com uma mistura assim, tão fascinante como essa portadora da luz, Helena Blavatsky? Onde jamais se viu uma personalidade tão forte, tão dramática, em que é tão clara a oposição de humano e divino? Quando se viu na História alguém com tal conglomerado de bem e mal, de luz e sombra, de sabedoria e indiscrição, de visão espiritual e falta de bom senso? Conhecer Helena Blavatsky foi uma experiência preciosa. Quando se verá de novo alguém assim?

O foco de Olcott se apaga.

Helena Blavatsky sorri, fecha os olhos, expira quase todo o ar, fica um instante imóvel.

Os três acompanhantes se entreolham, ensaiam um primeiro movimento.

Quase imperceptível, a luz da projeção começa a piscar sobre o teatro.

De início, não se distingue nenhuma imagem, só uma vaga luz oscilante.

Madame abre os olhos, todos se sobressaltam.

Ela aperta as mãos dos jovens, empina ligeiramente o corpo.

Lentamente, a projeção vai ficando mais brilhante ao longo da fala dela, repetindo as imagens de vôo sobre paisagens, montanhas, templos, ruínas.

MADAME - Não deixem o elo se quebrar, para que esta minha encarnação não seja um fracasso.

Que brilhe sempre acesa a chama da Teosofia:

investigando os mistérios da Natureza e os poderes mentais do ser humano...

estudando as escrituras de todas as ciências e religiões do mundo...

lutando sempre, sempre e sempre pela

Irmandade Universal da Humanidade,

sem distinção de raça, sexo, cor ou credo...

Música vaga, quase um som contínuo, suspendendo o clima.

Só na última fala a projeção brilha com plena luz e o que se vê é uma seqüência infinita de closes de crianças de todas as raças, cores, idades e condição social, sorrindo.

A luz do palco se apagou, restando apenas um foco que isola Madame Blavatsky no centro das imagens projetadas.

Por trás dela, surge o Mestre Morya que desliza as mãos por suas costas.

Com esforço, Madame fica mais ereta na cadeira, olhando o infinito no fundo da platéia.

E se levanta com grande leveza, conduzida por Morya, olhando ao longe.

Os lábios de Morya se mexem, ditando para ela, sem som, as palavras que ela pronuncia.

MADAME - Existe uma estrada, íngreme, espinhosa,

cheia de perigos de todo tipo, mas que é uma estrada.

Que leva ao coração do Universo:

posso ensinar como se encontra aqueles que mostram

o portão secreto que só se abre para dentro

e que se fecha para sempre assim que o iniciante passa.

Não há perigo que uma intrépida coragem não possa dominar;
não há tentação que uma pureza imaculada não possa vencer;
não há dificuldade que um intelecto forte não possa superar.

(Morya desaparece)

Para os que vencem, a recompensa é indescritível:

o poder de abençoar, de salvar a humanidade;

para os que fracassam... *(sorri, luminosa)*

existem outras vidas para buscar o sucesso.

O som contínuo define-se e sobe rapidamente de volume com a forma de uma canção folclórica russa tocada por muitas balalaicas, cantada por um coro sem palavras: enérgica, alegre, agitada, vital.

A luz vai ficando muito branca e ofuscante.

Parecendo flutuar, se desmanchar na luz, sem medo, nem tormento,

Helena Petrovna Blavatsky olha o infinito.

FIM

Atibaia, dezembro 2002/abril 2003